O CORREIO

Director-Gerente
A. R. d'Azevedo Bastos

SEMANARIO MONARCHICO

Editor
José Fontes, Sobrinho

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Passos Manoel, 177-1.º — Porto
Composto e impresso na Typographia de Arthur José de Souza, Largo de S. Domingos, 67 — Porto.
Agente em Paris: **Alvaro Pinheiro Chagas** — 6, Rue Duban
Agencia em Lisboa: **Largo de S. Paulo, 12**

Proprietario — **MARIO ANTUNES LEITÃO**
1.º ANNO — **N.º 10** — Avulso 20 rs.
Sabbado, 8 de Fevereiro de 1913

ASSIGNATURAS — Portugal, Ilhas e Colonias: serie de 52 n.os, $8000 reis — Serie de 26 n.os, 500 reis. Estrangeiro: (Paizes da União postal) — serie de 52 n.os, 15 francos (ou 3$000 reis). Series de 26 n.os, 8 francos (ou 1$600 reis). Brazil: serie de 52 n.os, 6$000 reis (moeda brasileira). Sendo a cobrança feita pelo correio, accresce 60 reis para Portugal, Ilhas e Colonias, e 50 centimos (ou 100 reis) para o estrangeiro.
ANNUNCIOS — Na secção de annuncios: 50 reis a linha. Nas outras paginas: contracto especial.

SUMMARIO

Rectificando.
Notas de um lisboeta — *Cartas* — ANSELMO.
Echos.
Cá e lá — ANNIBAL SOARES.
Como se enriquecem e desenvolvem colonias — *Entrevista com Paul Adam* — JOAQUIM LEITÃO.
1.º de Fevereiro — *Missas por alma de S. M. El-Rei D. Carlos e de S. A. R. O Principe D. Luiz Philippe.*
A eleição Poincaré — AYRES D'ORNELLAS.
A descentralisação nas colonias portuguêsas — *Entrevista com Ayres d'Ornellas* — JOAQUIM LEITÃO.
Exercito ou Milicias — AYRES D'ORNELLAS.
Conselheiro José Novaes.
Semana elegante.
Folhetim — *A Chica* — *No Carnaval* — ANSELMO.
Carta de Lisboa.
Theatros.

Rectificando

Por mais que possam divergir da nossa orientação e das nossas opiniões aquelles que, de qualquer forma, manifestam a sua opposição, ao regimen que se implantou em Portugal pela cobardia de muitos e não pela audacia fosse de quem fosse, entendemos nenhuma observação fazer-lhes nem com elles travar quaesquer discussões, por nos parecer que nenhuma vantagem ha n'isso para nós, monarchicos, nem mesmo quando os que comnosco divergem jogam com pau de dois bicos, pois alguma cousa lucra a nossa causa quando elles jogam com o bico monarchico, afigurando-se-nos que nada perde, quando elles jogam com o bico republicano.

Por isso nas nossas columnas ainda se não viu uma palavra, que possa ser tomada como pretendendo contrariar o trabalho seja de quem fôr contra o regimen actual, nem qualquer allusão, que possa ser tomada como denunciadora de que nos apercebemos já do cuidado, com que se procura occultar ao publico a existencia do *Correio*, semanario monarchico, intranzigentemente monarchico, o que quer dizer que é incompativel com lerias, como a de partidos conservadores dentro da Republica, e com fórmulas como o da *Republica* para *todos os portuguezes*, o que dadas todas as razões historicas e todas as razões internacionaes, demonstrativas do antinacionalismo de uma Republica no nosso paiz, nos parece ser apenas uma versão moderna da phrase de sapateiro de Braga, na qual se reclame que ou a meza republicana é para todos, ou tem de voltar a Monarchia.

Já estamos acostumados a *penas de silencio*, e tendo sabido muito bem fazer dar em droga a que nos foi imposta, quando do ministerio regenerador-liberal, saberiamos muito bem como fazer furar a de agora, se, conhecendo, como conhecemos muitissimo bem a imprensa portugueza, tão pouco de nós ajuizassemos, que julgassemos d'ella precisar, para que nos vissem ou para que nos escutassem.

Não modificaremos essa attitude e com prazer iremos sempre lendo, e, quanto em nossa mão o esteja, iremos auxiliando todos aquelles que, seja qual fôr o seu intuito, — desde que elle não seja o de uma intervenção estrangeira. — combatem essa Republica, que a passividade de uma instituição, que em todos os tempos foi um factor de actividade em todas as grandes inctas e em todos os grandes feitos, deixou proclamar, sem ter tido ao menos a coragem de a proclamar ella, já que o receio ou a descrença a não levaram a evitar, que a proclamassem algumas dezenas de civis.

Hoje, porém, não podemos deixar de fazer referencia a um artigo do nosso illustre collega o *Dia*, não por nos parecer de má tactica, pois não discutimos a tactica, que cada um entende seguir no seu combate, mas por se encontrarem n'esse artigo — a par de elogiosas referencias a El-Rei D. Carlos, que, pelo muito respeito que temos pela sua memoria e pela sua grande figura moral, nos é sempre grato accentuar, sobretudo, quando veem d'aquelles que não souberam prestar-lhe justiça em vida, — inexactidões que é de justiça rectificar, sendo de justiça tambem dizer que as não teria commettido o *Dia*, se os seus affazeres lhe tivessem permittido lêr o *Correio da Manhã*, quando esse jornal se publicou em seguida á Revolução.

Estamos perfeitamente de accordo, porque é a verdade, com as considerações que o *Dia* fez sobre o abandono, em que, em 5 de Outubro, deixaram El-Rei a maior parte d'aquelles que, por honra do seu cargo, por gratidão, por dever, ou, quando mais não fosse, pelo respeito por si proprios, junto d'elle deviam ter estado, e apoz a Revolução mais alguma cousa deviam ter feito, do que passar as noites ás escuras nos animatographos, dar á perna em bailaricos carnavalescos e andar cochichando pelos cantos sobre a data certa do *casamento da Beatriz*.

Mas não estamos de accordo quando o nosso illustre collega, referindo-se á partida de El-Rei para o estrangeiro, se esquece de accentuar, que já foi publicamente demonstrado, — e lá está a collecção do *Correio da Manhã* a proval-o, — que El-Rei sahiu da Ericeira para seguir para o Porto, não o tendo feito por entenderem que não tinham o direito de lh'o consentir os officiaes de bordo que, muito bem, consideraram não dever, n'um *yacht* de recreio, levar a unica garantia, que n'esse momento existia ainda d'uma restauração monarchica, para uma cidade, cuja situação ignoravam, pois a cobardia, a inepcia ou a traição do governo deixara a todos na ignorancia do que se tratava, se d'uns tumultos em Lisboa, se d'uma revolução em todo o paiz.

E, de que foi essa a intenção e o proposito de El-Rei, tem quem estas linhas escreve um testemunho insuspeito, que a seu tempo virá a lume.

Não podemos tambem deixar de repellir, como absolutamente inexacta, a attitude que o *Dia* attribue ao snr. D. Affonso. Leia o *Dia* todos os depoimentos colhidos pelo *Correio da Manhã* no *Diario dos Vencidos*, e n'elle verá qual foi a attitude do snr. D. Affonso, por essa occasião. O que lá não verá, porque até hoje ainda ninguem o disse, foi os motivos que levaram o snr. Teixeira de Souza, como chefe do governo, a determinar que Sua Alteza seguisse para Cascaes.

E' pena que o facto do *Dia* não nos dar a honra do nos ler, nos tempos do *Correio da Manhã*, como parece não nos lêr agora, o tivessem levado a inexactidões, que são ao mesmo tempo injustiças, pois nos vimos assim forçados a sahir, embora por uma vez sem exemplo, do nosso proposito de não fazer quaesquer considerações, que não sejam de inteira concordancia e applauso, aos que atacam o regimen hoje existente em Portugal.

E creia o nosso illustre collega que, se não fossem os pontos que indicamos, nem sequer alludiriamos a uma outra inexactidão, que se contem no seu artigo. E' aquella em que diz ter ficado onde estava, *sentinella perdida de postos abandonados*.

Perdão... E' que o *Dia* ou está muito desmemoriado, ou decididamente nos tomou... em desgraça.

Em meados de outubro, poucos dias depois da revolução, publicou-se em Lisboa o *Correio da Manhã*, jornal monarchico, unico jornal monarchico, como tal declarado e expressamente affirmado, — a não ser a *Nação* que era então um semanario.

E esse é que lhe podemos assegurar que era uma sentinella perdida, e tão perdida n'aquelle republicanismo que invadira os monarchicos, que nem o *Dia* deu por elle, e raros eram aquelles que até se atreviam a fallar aos seus redactores, tal era o receio de serem tomados por thalasas.

Tambem nós, ao lançal-o, a El-Rei não deviamos favores, como não lh'os devemos hoje, nem á Monarchia, que surgira do primeiro de fevereiro, deviamos outra cousa que não fôsse a perseguição aos nossos amigos, e os ataques dos seus jornaes, quando, ou accusavamos de traidor o snr. Ferreira do Amaral, ou reclamavamos o inquerito ao regicidio.

O *Dia* deve estar lembrado d'isso, porque foi dos que contra nós mais se indignou quando se tratava da *veneranda reliquia*, como quando se tratava do *monstruoso attentado*.

Não vimos, quando lançamos o *Correio da Manhã*, outro jornal monarchico que não fôsse a *Nação*, a quem de vez em quando nos abraçavamos n'aquelle campo solitario, onde a desgraça nos tinha.

E' certo que, de longe, avistavamos o *Dia*.

Mas o nosso illustre collega nunca deu tento em nós, occupado então como andava em aconselhar a Republica a que abrisse os braços a todos os adhesivos, em vez de os repellir com violencia, como o estava fazendo.

Pois nunca, como agora, sentimos que o nosso illustre collega tão occupado andasse na tarefa de conseguir, que a Republica abrisse os braços aos homens de boa vontade.

E nunca o sentimos tanto, porque nunca suppozemos que, impossibilitado de ler então o nosso jornal, o *Dia* com inexactidões e injustiças nos levasse a sahir, uma vez sem exemplo, do nosso proposito firme de nos limitarmos a applaudir o que vemos de bom, nos que atacam a Republica, fazendo de conta que não attentamos no que n'elles apparece de mau.

Notas de um lisboeta

CARTAS

Snr. Redactor.

A proposito de um artigo do *Dia* devo declarar a V. Ex.ª, que não fugi em 5 de Outubro.

N'esse dia deixei-me estar aonde estava... desde a ante-vespera. Estava n'um 3.º andar da rua das Gaveas, lá me deixei estar até que soube da proclamação da Republica por intermedio d'um amigo meu, unica pessoa que sabia aonde eu estava.

Já vê pois, snr. redactor, que não fugi.

De V. etc.

(a) *França Borges.*

* * *

Snr. Redactor.

Para provar a V. E.ª a injustiça do mundo, com *M* grande ou com *m* pequeno declaro que tenho testemunhas de que durante toda a revolução eu não tentei sequer fugir dos braços amigos, que me prendiam, receosos de que eu sahisse da casa onde estava, para me ir bater pela Republica.

Só d'elles tentei fugir, e consegui-o, quando pela rua passou um regimento com a bandeira verde e encarnada, e assim fiquei sabendo que estava proclamada a Republica.

Então sim, confesso, fugi dos braços que me prendiam e corri á rua a beijar a bandeira, pela qual estava prompto a dar o sangue de todas as gallinhas que que se mataram em minha casa para o jantar.

E eu, quando digo uma cousa, faço-a.

E' mesmo por isso que estou sempre a fazer tolices. Pois se eu não digo outra coisa.

De V. etc.

(a) *João de Menezes.*

* * *

Snr. Redactor.

Eu estava em Cintra, é facto, quando a Revolução triumphou.

Querem dizer com isto que eu fugi. Porquê?...

—D'antes dizia-se *foi passar uns dias a Cintra.*

Agora diz-se... *fugiu*

Ora adeus, meninos.

De V. etc.

(a) *João Chagas.*

* * *

Snr. Redactor.

Fugir?... Eu?...

(a) *Palla.*

* * *

Snr. Redactor.

Não sou homem que fuja... Nunca o fui.

Poder-me-hão accusar de ter voltado as costas muita vez. Mas nunca ao perigo.

(a) *B. Camacho.*

Pela copia

Anselmo.

ECHOS

Emigração

Nota o *Intransigente* que da parte dos poderes publicos nenhumas providencias se tomam para acudir ao gravissimo problema, que para o paiz está constituindo a emigração sempre crescente, que d'uma forma muito clara ameaça despovoar por completo algumas regiões de Portugal.

De facto a emigração, que o *Intransigente* calcula ter sido em 1912 de cerca de cem mil pessoas, deve augmentar este anno e para a evitar o governo não tomou, já não dizemos a unica forma de acabar com ella, que seria abolir o regimen de terror e de miseria, que se implantou com a Republica, mas quaesquer providencias que de alguma maneira a fizesse diminuir.

Muito pelo contrario o governo aggravando, como o está fazendo, a propriedade, mais formidavel está tornando a crise do trabalho que já se não limita, como até ha poucos annos, a Lisboa, onde á abundancia de trabalho resultante da rapida extensão da cidade, naturalmente succedera um periodo de decrescente actividade nos trabalhos de construcção, mas se estende por todo o paiz.

A emigração ha-de crescer pois, e é natural que tudo isto acabe por ficarem em Portugal apenas o snr. Affonso Costa e os seus ministros, e mais meia duzia de carbonarios.

Regulamentação do jogo

O Socialista publicou, e o *Intransigente* transcreveu em parte, uma entrevista a respeito da regulamentação do jogo, no decorrer da qual a pessoa entrevistada declarou terem-lhe affirmado em Monaco que para Portugal *vinham annualmente alguns bons milhares de francos, para se fazer systematica opposição á regulamentação do jogo.*

O *Intransigente* diz que a pessoa entrevistada mente, e accrescenta que, em todo o caso, é bom *que na nossa burrice não démos azo a que nos calumniem, passando-nos um attestado de tolos.*

Os jornaes que se teem declarado oppostos á regulamentação do jogo, e mais as varias creaturas que para ahi se teem mostrado enfurecidas contra a batota regulamentada, nem abriram bico a respeito da affirmação feita pelo entrevistado do *Socialista*.

Qualquer dia apparece n'outro jornal uma entrevista em que se dirá que lá por Ostende se affirma que *para Portugal veem annualmente alguns bons milhares de francos para se fazer insistente campanha a favor da regulamentação do jogo.*

O *Intransigente* voltará a dizer que o homem mente, mas os jornaes e as pessoas que para ahi batalham pela regulamentação do jogo não abrirão bico sobre a affirmação do novo entrevistado, exactamente como o fizeram agora os jornaes e as pessoas contrarias á batota.

E os milhares de francos, se teem vindo, continuarão a vir, e, se não teem vindo, continuarão a não vir.

Abrir o bico é que não abrem nem os jornaes, nem as pessoas que sobre a regulamentação de jogo se teem manifestado com insistencia.

Achamos prudente porque já foi, levando-o a abrir o bico, que a raposa da fabula apanhou o queijo ao corvo

Palavras

O sr. Freitas Ribeiro, illustre ministro da marinha, disse no seu discurso, no quartel dos marinheiros, que tinha de desapparecer da nossa lingua o termo *thalassa*, que como se sabe, é uma palavra grega que quer dizer *o mar*.

Achamos muito bem.

Mas achariamos egualmente bem que da nossa lingua desapparecesse tambem a palavra *Ambaca*, que, como se sabe, é uma palavra que quer dizer: *o Eusebio da Fonseca ainda lá anda por Londres.*

Diffamações

De vez em quando alguns jornaes do estrangeiro, descontentes por não encontrarem entre os monarchicos portuguezes quem lhes pague alguma coisa, lançam á publicidade varias affirmações calumniosas a respeito de El-Rei D. Manoel.

Os jornaes republicanos de Portugal, e, tambem de Hespanha, onde a imprensa republicana em materia de seriedade de processos está a par da imprensa republicana do nosso paiz, aproveitam logo as affirmações calumniosas para as explorarem em artigos, *suelltos* e caricaturas.

Não nos surprehende esse procedimento de parte da imprensa republicana de cá, nem da imprensa republicana da nação *nuestra hermana*, mas surprehende-nos que parte da imprensa monarchica hespanhola, aquella que appoia o snr. Teixeira de Souza... perdão... o snr. Romanones, queriamos nós dizer, d'essas affirmações calumniosas se faça echo.

Não cremos que os republicanos do paiz visinho tenham imposto, como condição para a suspensão temporaria das suas hostilidades o acompanhal-os os jornaes monarchicos nas suas campanhas calumniosas contra os adversarios do regimen portuguez actual.

E como o não cremos, não sabemos se esse facto constitue o complemento da politica agora iniciada pelo snr. Teixeira de Souza, perdão, pelo snr. Ramanones, procurando que, pelo exemplo dos jornaes liberaes hespanhoes, os jornaes monarchicos portuguezes se façam echo das calumniosas affirmações republicanas ácerca de altas personalidades hespanholas, como esses jornaes de Hespanha se fazem echo das affirmações calumniosas dos republicanos ácerca de El-Rei D. Manoel.

Se é esse o seu intuito não surte elle effeito, porque os jornaes monarchicos portuguezes nunca fazem affirmações que não saibam ser verdadeiras.

Quanto ás affirmações que por ahi andam exploradas em varios jornaes, absolutamente falhos de escrupulos nos seus processos, escusado é dizer que são absolutamente falsas.

Boatos e noticias

De varias origens nos chegam diversas noticias sobre politica monarchica, e a algumas d'ellas se referiram já quasi todos os jornaes do Porto e de Lisboa.

Não sabemos se algumas d'ellas teem fundamento e ás outras não hesitaria mos em pol-as de parte como absurdas, se de outro paiz se tratasse e não do nosso, onde não é raro surgirem os espiritos extremamente complicados e serem logo adoptados por outros espiritos d'um simplismo primitivo, as mais estravaganies e imprevistas ideias.

Não estamos no segredo dos deuses, nem procuramos desvendar mysterios dos conciliabulos de dentro e fora do paiz, e ignoramos portanto o que pensam e o que querem os que de alguma forma podem influir na politica monarchica.

Mas sabemos muito bem o que pensamos e o que queremos, e, para que o publico o soubesse tambem, fundamos este modestissimo semanario com meia duzia de amigos que, como nós, entendem que o unico fim a que pode visar hoje, quem seja portuguez, e portuguez queira continuar sendo, é o da substituição pura, simples e rapida do actual regimen como anti-patriotico e anti-nacional, pelo regimen que o precedeu

Poderão divergir da nossa opinião sobre a forma como se deve cuidar da realisação d'essa mudança de regimen, muitos outros monarchicos sinceramente desejosos tambem de que desappareça de Portugal aquillo que nos avilta aos olhos do estrangeiro, e que está conduzindo velozmente o paiz á ruina moral, financeira e politica, e pode suceder mesmo que n'estes ultimos tempos se tenham desperiado ambições, que o volver dos annos reduzira a um platonismo cachetico e que um ligeirissimo sopro mergulhará definitivamente no somno eterno.

Nem a uns, nem a outros queremos mal por isso e, egoistamente, fazemos os mais sinceros votos pelo rapido sussesso dos seus planos, certos como estamos de que não ha d'entro do paiz força alguma capaz de evitar, á queda da Republica, a sua logica sussesão.

Mas ha-de permittir-se-nos que a respeito de uma das noticias ahi apparecidas, digamos, — embora com o dizel-o sobre nós chamem raios e coriscos, — que pretender organisar um partido monarchico, que com licença da Republica, vá, dentro de ordem e da legalidade, combater o actual regimen é caso que deve ser pensado e reflectido o numero de vezes sufficiente, para que, ao resolver-se, se possa pol-o em pratica já.

Mas ha-de permittir-se-nos que digamos, a respeito de uma d'essas noticias, e embóra arriscando-nos a que sobre nós caíam fulminantes raios e tremendos coriscos, — que não se nos afflugra facil, em vista dos acontecimentos que precederam a queda da Monarchia e a attitude que em geral se adoptou a pós o 5 de Outubro, — encontrar quem, n'este momento, possa, sem manifesto enfraquecimento das forças monarchicas, tomar a si o organisar e dirigir um partido monarchico, cuja missão, de resto, não comprehendemos bem o que, dentro da ordem e da legalidade, — conforme dizem essas noticias, — possa ser, perante um regimen que só conhece duas respostas aos ataques dos adversarios: o internamento na Penitenciaria e a expulsão do paiz.

Em todo o caso é possivel que tenham muita razão aquelles que tal pretendem fazer, agora que por todas as provincias se estabeleceu a rêde perseguidora e terrorista, quando o não entenderam nos tempos, em que esse regimen estava prudentemente circunscrito ás barreiras de duas ou tres cidades do paiz.

Isso não impede porem que nós digamos a nossa opinião, e que muito humildemente confessemos que se na nossa mão estivesse a lanterna, que Diogenes deixou ahi para algum canto, d'ella nos aproveitariamos antes para, de preferencia a uma chefia do partido, — que implicaria programmas discutiveis, — indagarmos de uma chefia da revolução, — que implicaria um unico proposito, e esse indiscutivel

Tão indiscutivel que cremos que não haverá um unico portuguez, que portuguez queira continuar a ser, que com elle não esteja de accordo.

Mesuras

O *Intransigente*, n'uma indirecta ao nosso modesto semanario, aludindo aos ligeiros quadros que temos traçado na *Semana Mundana*, falla dos *pobrezinhos plebeus* de quem os monarchistas *fazem troça* por não terem o habito de *fazer as mesuras, que se aprendem pelos salões da nobreza.*

Queira perdoar o *Intransigente*, mas não nos parece que seja preciso ter o habito de fazer mesuras, nem ir aos salões da nobreza, para se saber que é porcaria meter o dêdo no nariz, que se devem lavar os pés e, talvez o *Intransigente* o não acredite — até o resto do corpo, e que quando se deixou de frequentar os bailes campestres para dar á perna nos salões diplomaticos, não se deve pôr o lenço em volta do pescoço, a proteger o colarinho,

Desejo

Revela a *Republica* que o sr. Affonso Costa teve n'um Centro Republicano de Bragança este grito d'alma:

— Entre os thalassas é que eu me quero vêr!

Então é por isso que os vae mettendo todos na Penitenciaria!

O que é a voz da consciencia!...

Pode desmentir

A *Nação* referindo-se a uma local da *Lucta*, em que o orgão camachista explorava uma calumniosa noticia d'um jornal estrangeiro a respeito de El-Rei, diz o seguinte:

A «Lucta», a proposito d'um caso, a que somos alheios e que nos abstemos de referir, cuja veracidade não é garantida, diz ácerca das tradições da familia brigantina:

Cuja veracidade não é garantida foi lapso do nosso illustre collega, pois evidentemente queria dizer, *cuja falsidade é por todos os motivos garantida.*

E pode dizel-o assim a *Nação*, sempre que a respeito de El-Rei appareçam quaesquer noticias attribuindo-lhe actos, que não sejam da mais perfeita e completa correcção e do maior respeito por si proprio, e pela situação em que está.

Sopapos

O sr. Freitas Ribeiro disse aos grevistas da classe maritima, segundo conta o *Sindicalista*, que se o dispenseiro, cujo procedimento deu motivo á greve, tinha feito o que lhe attribuiam, melhor teria sido que os grevistas, em vez de terem feito toda aquella questão, tivessem esperado o homem e lhe *tivessem ido para as ventas, dando lhe meia duzia de sopapos.*

Ao que parece, este systema de resolver conflitos preconisado pelo sr. ministro da marinha foi approvado pelos operarios sem trabalho, que ha dias o quizeram pôr em pratica com o sr. Antonio Maria da Silva que, como ministro do fomento, não attendera as suas reclamações, chegando um dos operarios a dar, ao que disseram os jornaes, no titular da pasta do fomento um dos taes sopapos, que o titular da pasta da marinha aconselhara aos maritimos que dessem no dispenseiro.

Estamos com curiosidade de ver que tal achará o sr. Freitas Ribeiro esse systema de liquidar conflitos, se alguma classe ficar descontente com resoluções suas, e se entender seguir o conselho, que elle deu aos maritimos.

Se tal se desse seria o caso de se dizer, não que *pela bocca morre o peixe*, mas que *pela bocca apanha uma sova um ministro da marinha.*

Recompensas

Ainda não acabou, ao que parece, o despejar de recompensas aos heroes que, em Chaves, dispondo de todos os recursos necessarios em homens e em armamento, não conseguiram derrotar os 300 realistas, que com umas dezenas de armas tiveram em chéque durante uns poucos de dias as forças do governo.

Ainda recentemente appareceram n'uma Ordem do Exercito os decretos agraciando com varias medalhas alguns officiaes, que dizem os diplomas se distinguiram *no norte por occasião da incursão dos rebeldes armados.*

Tenciavamos, quando se apresentar a devida opportunidade fazer a narração exacta e completa do que foram tanto a primeira como a segunda incursão, ambas ellas descriptas já varias vezes em jornaes, folhetos e revistas, por uma forma que nos faz suppor que quem as fez apenas soube d'ellas pelo que se centava á esquina da Havaneza ou á porta da Brasileira, e então, documentadamente, poderá avaliar o publico a especulação, que para ahi se tem feito com feitos heroicos praticados por detraz de muralhas, em praças devidamente municiadas e guarnecidas, contra dois ou tres centos de homens mal armados, apresentando-se por assim dizer a peito descoberto em campo raso.

Se no decorrer d'essas incursões houve heroes, é preciso que o publico saiba de que banda foi, se da banda d'aquelles a quem o governo constátila o peito de medalhas, se da banda d'aquelles que o mesmo governo atira para as prisões ou mantem fora do paiz, accusando-os de traidores, a elles que justamente expozeram a sua vida por serem firmes nas suas convicções e no seu amor á Patria, e por se manterem fieis aos seus juramentos e aos seus ideaes.

Um par

Varias vezes teem noticiado os jornaes que o sr. Teixeira de Souza volta á politica, accrescentando alguns que esse senhor, que como se sabe foi varado de lado a lado, em 5 de Outubro, por algumas centenas de balas que o deitaram incolume, se filiaria no partido democratico.

Esta ultima parte parece dever ser verdadeira, na hypothese de ser verdadeira a primeira.

O sr. Teixeira de Souza se voltar á politica entrará no partido democratico.

Mas voltará esse senhor á politica?

Não o acreditamos.

E não o acreditamos, não por motivos de ordem moral, mas por motivos de ordem physica.

Acreditamos porem que muito tenham insistido com elle os democraticos, para que volte á politica.

O sr. Teixeira de Souza faz falta n'esse partido, como faz falta em cima d'um *console* uma jarra, que faça *pendant* com outra.

Para que o par fique completo é preciso que ao lado sr. Barreto figure o sr. Souza.

CÁ E LÁ...

Ainda restavam na Europa alguns tractos de terreno ao imperio ottomano, e Kiamil-Pachá estava negociando um tratado que, além de ser o *menos desvantajoso* que a Turquia podia concluir n'este momento com os seus vencedores, deixava esse paiz em condições de resurgir para uma vida economica tão intensa, que os desastres d'agora podiam, sob o ponto de vista material, obter ainda uma farta reparação.

Então os *Jovens-Turcos* resolvem *desaffrontar a honra nacional*... arruinando o que subsiste da sua desditosa patria, depois de, provavelmente, fazerem esmagar pelos alliados ás portas de Constantinopla o remanescente d'um exercito, que foi dos mais aguerridos do mundo e que elles indisciplinaram, inutilisaram e perverteram!

Nós conhecemos em Portugal estes *movimentos de desaffronta*... Sabemos o que elles querem dizer, qual é a sua sinceridade, quaes os deploraveis fins a que costumam visar.

Os *Jovens-Turcos*, antes de terem cá os seus irmãos, gerados e inspirados pelas mesmas entidades estrangeiras para fazerem *in anima vili* as mesmas experiencias de socio-idiotologia, tiveram aqui os seus percursores, que eram uns sujeitos que em 1890 andavam ahi pelas ruas armados de paus de vassoira, a vociferar que morresse a Monarchia e fossem abaixo *os Braganças*, porque não queriam declarar guerra á Gran-Bretanha.

Felizmente para Portugal, os poderes publicos estavam n'essa occasião bastante defendidos, para que as desaustisadas berrarias em que andou por essas ruas tanta gente de boa-fé, inconscientemente guiada por meia duzia de especuladores, não surtisse o mesmo effeito

que alcançou agora, d'um momento para o outro, a sedição de Constantinopla. A Monarchia e os Braganças não declararam a guerra á Gran Bretanha, e nas negociações com a collossal adversaria obtiveram o *menos mau* d'aquillo, a que as circumstancias nos obrigavam; ao passo que o patriotico governo, que em Stambul estava agora cauta e prudentemente procurando reduzir ao minimo, no momento do ajuste de contas, as desastrosas consequencias da nefasta politica dos *Jovens-Turcos*, vê-se derrubado por uma revolta, que verosimilmente vae custar ao paiz, a praso breve, as supremas humilhações e os derradeiros sacrificios.

De todo o modo, porém, e áparte este aspecto da questão, a analogia das situações e das conductas é impressionante. Quando se trata de especular em proveito da sua seita e das suas ambições, não ha visão de responsabilidades nem perigo de conveniencias sagradas que os detenha, a estes implacaveis e ferozes *artifices da desgraça*.

Seja embora preciso arriscar um paiz inteiro aos maximos infortunios, á guerra, á ruina, á perda da sua mesma independencia, não é isso que jámais o faz hesitar, comtanto que momentaneamente alcancem o poder, como agora na Turquia, ou consigam ao menos descreditar o adversario aos olhos das multidões inconscientes, como d'aquella vez em Portugal. Como se vê bem que todos estes cordelinhos são movidos de fóra, por seitas estrangeiras para as quaes são nada os interesses moraes e materiaes das patrias que sacrificam!

Jacta-se a Maçonaria internacional de ter apanhado ultimamente tres exemplares famosos para o seu laboratorio de experiencias: a Turquia, Portugal e a China. Estamos todos alli, os tres povos, como cobaias em que se inoculou para estudo o *virus* demagogico, fazendo-se de conta (e apparentemente com razão) que não ha em nenhum d'estes paizes uma população propria e nativa, com direito ou com vontade de se governar por outra fórma, que não seja aquella a que os submettem os sabios das *lojas* de Paris e d'outras capitaes, ou os seus cumplices recrutados entre o pessoal indigena.

Todos tres, com a excellencia do tratamento, já esperneamos, não se sabe se a contento dos *doutores* estrangeiros, que devem achar muito curiosos estes casos de anniquilamento quasi fulminante de antiquissimas nações, só com uma ligeira picada das seringas maçonicas, que lhes deram. Mas á frente de todos vae a Turquia, como é natural, desde que foi, d'este grupo de pacientes, o primeiro submettido á operação. Os outros é provavel que não tardem em a seguir, lá para a região etherea onde — a occultas dos materialistas do livre-pensamento — se costumam juntar para carpir dôres os almas dos povos, que não souberam defender-se, governar-se e libertar-se, e por isso morreram...

Entretanto observemos nós, se nos resta alento para isso, os episodios da extrema agonia do mallogrado povo ottomano; — talvez, como o condemnado que assiste já no patibulo aos pormenores da execução do companheiro, que o precede, talvez antes como o cavalleiro que póde ainda sopear o seu corcel, ao ver rolar no abysmo o que vinha á frente galopando...

Que é que vai seguir-se immediatamente ao golpe d'Estado de Constantinopla? Interrogação tremenda, que no momento em que escrevemos enche toda a mesa em torno da qual se assenta a diplomacia europeia!...

Entretanto, e sem querer encarar a possibilidade d'uma guerra europeia nascida da criminosa ambição dos *Jovens-Turcos* — pois não é propriamente um artigo de politica internacional o que pretendemos escrever — parece-nos n'este momento duvidoso que os demagogos de Constantinopla consigam furtar-se ás consequencias logicas do movimento, que os levou ao assalto do poder.

Esse seria decerto o seu empenho, e será provavelmente o objectivo das suas primeiras tentativas. A *desaffronta da honra nacional*, não lhes foi mais do que um pretexto para escalarem o Governo, sob os applausos faceis da turba patriotica. Mas os *Jovens-Turcos*, que deram cabo do exercito nacional, sabem melhor do que ninguem que elle não se encontra em condições de resistir ás tropas alliadas. De resto, não faz parte d'este ministerio revolucionario, subido ao poder entre gritos de guerra a todo o trance, um official que fugiu desabaladamente das linhas de Tchaldja, tendo sido necessario reconduzil-o entre bayonetas ao seu posto de combate? . .

Porisso se os *Jovens-Turcos*, agora que conquistaram o poder, conseguirem asphyxiar as aspirações bellicosas que fizeram surgir por estratagema no espirito das turbas, não haja duvida que as negociações de Londres proseguirão, acabando os *desaffrontadores da honra nacional* por fazer ao inimigo concessões muito mais extensas, gravosas e vexatorias, do que as que lhe fazia o gabinete de Kiamil-Pachá, agora derrubado.

N'este caso a *Joven-Turquia*, cuja tarefa esteve interrompida por uns mezes — o que não quer dizer que o estivessem os seus effeitos, antes pelo contrario! — continuará por algum tempo ainda operando methodicamente, até final, a dissolução e destruição do que ficar do Imperio, segundo os processos demagogicos preconisados pelas *lojas*.

Mas se os *Jovens-Turcos* tiverem que ser arrastados na corrente, que desencadearam, e o renovamento da guerra fôr inevitavel, então não tarda semanas que mais alguns milhares de cadaveres, empilhados sobre o territorio do que foi a Turquia da Europa, formem um monumento — que não se póde dizer immorredoiro! — elevado pela gratidão d'aquelle povo á gloria da maçonaria, Senhora d'elle... e nossa!...

A primeira hypothese, porém, não tem nada de inverosimil.

Tambem os nossos *Jovens-Turcos* se esfalfavam, quando foi do *ultimatum*, contra a Monarquia e contra os Braganças, alliados da *perfida Albion* em prejuizo da *honra nacional*, fazendo até sobre essa plataforma a revolta de 31 de janeiro. E desde que alcançaram o poder não teem feito outra coisa senão posternar-se deante da mesma Albion — pondo em risco de ir aos boccados, ora para ella, ora para a Allemanha, o patrimonio ultramarino, que a Monarchia angariou, e que os Braganças souberam conservar e defender na medida do possivel, incomparavelmente melhor do que os *redemptores da honra nacional*. .

Das metropoles que até o fim do seculo XVI possuiram atravez do mundo grandes emporios commerciaes ganhos pela descoberta, pela conquista ou pela colonisação — como a Hespanha, a Hollanda, as cidades hanseaticas e as italianas — apenas um paiz, que é o nosso, tem logrado conservar um verdadeiro imperio colonial, mercê da prudencia e habilidade, unico elemento fixo de governo, da garantia unica de continuidade na nossa politica externa, que é a magistratura régia, e a que tem sido nomeadamente a dymnastia de Bragança.

Mas assim que os *salvadores da honra nacional* vieram fazer o seu interreguo comico, tudo começou desde logo a esborodar-se — como na Turquia, quando se substituiu ao poder tradiccional um figurino inadequado.

Má peste!...

Annibal Soares

Expediente

Prevenimos os nossos presados assignantes das provincias que vamos enviar-lhes pelo correio, á cobrança, os recibos de suas assignaturas, e pedimos lhes a fineza de os satisfazerem logo que lhes sejam apresentados, evitando-nos assim despesas desnecessarias ou a suspensão da remessa do jornal.

Como se enriquecem e desenvolvem colonias

Entrevista com Paul Adam

A condemnada colonisação francêsa na Tunisia e a benefica colonisação do Senegal e da Algeria. Colonias de povoação e colonias de exploração.

Como nós ponderassemos que o assumpto e o scenario do *Trust*, com os seus jogos financeiros abraçando o mundo, era tão logico dentro do naturalismo que a vida todos os dias provava que a politica não era senão a mascara dos problemas economicos, e que os proprios movimentos de colonisação, evocando o nome da civilisação, partiam e iam ter aos profundos interesses da collectividade, Paul Adam dissertou:

— Interesses sagrados! interesses que não negam nem abatem o pendão da civilisação que os synthetisa! O que é hoje uma colonia? Um mercado para o colonisador. Só? Não. O colonisador é naturalmente o mais favorecido, mas um campo aberto para um, fica aberto para todos. O mundo inteiro beneficia da obra. Evidentemente, o colóno lucra e melhora tambem.

— O que não garante que lucre a colonia.

— Como assim?!

— O sr. Paul Adam sabe que as colonias começam por ser victimas das prepotencias dos primeiros colónos...

— Perdão! mas eu não me referia ao colóno exportado da metrópole, e sim ao colóno indigena; referia-me ao natural. Nós não queremos Marrocos, por exemplo, para repetir a Tunisia. A nossa experiencia da Tunisia foi assaz dolorosa, para nos servir de ensinamento. Não tencionamos, não desejamos nem permittimos uma canalisação de homens para as colonias. A colonia de povoação deu as suas más provas, está desacreditada, fallida. A nós bastanos o exemplo da Tunisia. Nesse tempo estava-se ainda na colonia de povoação. O resultado? Irem para lá verdadeiros especuladores, que praticavam toda a casta de tropelias, de illegalidades, de prepotencias, suppondo que o facto de serem brancos lhes permitia abusar do indigena. Quando um governador farto d'esses abusos, corria com um d'esses cavalheiros, o expulso ainda por cima se fazia passar por victima, imprimindo as suas pretentidas allegações n'uma *folha de couve*, que encontrava no parlamento quem a utilisasse para interpellar o governo e fazer politica! Não, isso acabou, e só se a França não tivesse juizo é que começaria em Marrocos os desgostos, que teve na Tunisia. Não pretendemos povoar de brancos o Marrocos francez. Para que?...

— Crê que Marrocos será um dia francez, não sendo a sua população natural absorvida por uma emigração metropolitana?

— Certamente que creio. Eu venho agora de percorrer, no retôrno do Brazil, as colonias francezas da Africa Occidental. E sabe o que encontrei? uma população de 70:000 indigenas contida por 20 (vinte!) funcionarios brancos, entrando na conta d'esses vinte brancos o homem dos correios e a guarnição!

— Folgo muito de ouvir esse seu depoimento, porque em Portugal ainda se ouve prégar, que é preciso derivar para a Africa do Sul a emigração portugueza, que vae para o Brazil.

— Erro, grande erro!

— Ha ainda quem desanime de desenvolver a Africa Portugueza, sob o fundamento de que a raça branca só precariamnte se adapta ali.

— Mas não é precisa para nada a adaptação definitiva da raça. E essa inadaptibilidade é justamente um argumento, ou melhor um indicio do erro, que é a colonia de povoação. Quantos seculos não demandaria uma absorpção da raça indigena, pela raça branca? . . E para que?! A colonia é um mercado. O que ha a fazer é o que nós já fizemos na costa occidental, e vamos agora fazer em Marrocos: pacificar uma zona, e pacificada ella, rasga-la de estradas, irriga-la de caminhos de ferro, e educar o indigena. Temos assim garantido um alargamento continuo do mercado para as nossas producções. Por outro lado, os productos das industrias extrativas teem de passar pelas nossas mãos, e é outra riqueza; a arte do indigena exportada para o continente francez representa ainda uma outra fonte de receita. E' o que, de resto já estamos fazendo em Marrocos. Não precisamos para nada de mandar para lá carregamentos de brancos que não iriam despotarisar a acção e unidade de vistas do Estado, comprometter-nos para com o indigena, dar logar a especulações politicas.

— A França fixa-se pois, nas colonias de exploração?

— A Tunisia edificou-nos sufficientemente sobre os erros e inconvenientes das colonias de povoação. As colonias africanas, exepto uma ou outra zona de clima menos cruel, não podem mesmo ser colonias de povoação. A colonia de povoação é boa para a Australia, onde as populações indigenas são pequenas, mas desaconselhada para o continente negro, onde a população indigena é densa e adaptavel a toda a educação.

— Mesmo fora da agricultura?

— Sim, senhor. O indigena é muito intelligente e d'uma habilidade manual simplesmente surprehendente. Imagine que eu fui encontrar no Senegal machinistas pretos, ganhando 300 e 400 francos por mez.

— E' um honorario para director geral caucasico!...

— Pois se elles são tão bons ou melhores machinistas do que os brancos, porque se lhes não ha-de pagar como ao branco?! E, com justiça, são pagos pelo preço que é pago o operario branco. Como vae vendo, não é mister exportar população da metropole. Corpos de exercito, para pacificar, e oiro, oiro para irrigar o terreno virgem! Nada mais! O branco só quer individualmente a colonia, para a especulação de concessões, para a companhia, para...

— E' certo que em Morrocos se está fazendo uma desenfreada especulação, na compra e venda de terrenos?

— Não creio! porque não é possivel. Conto-lhe um caso que lh'o prova: eu encontrei agora, n'uma das nossas colonias africanas, bellas quedas d'agua que são uma exellente motriz para futuras industrias. E perguntei: — *que fazem d'isto!*

Resposta: — *Isto será adjudicado por quem provar que sabe para o que isto serve, que o applicará ao fim que expõe, e provar que tem meios de o praticar, para impedir que um fulano qualquer peça a concessão, para depois a pôr em praça — quem dá mais?* E é tal a rêde de formalidades, de vigilancias a que está sujeita minima concessão, que lhe garanto ser perfeitamente impossivel a especulação de terrenos ou d'aguas. O que é possivel é que qualquer tracto de terreno, cahido no dominio do *caid* — que é quem tem a jurisdição das terras —, por não ter sido amanhado ou cultivado, ao ser posto em praça haja dado maior rendimento, pe-

las garantias que offerece já a colonia. E' justamente um dos perigos da colonia de povoação, a que queremos e estamos fugindo. Veja a nossa Algeria!

— Tem razão. E a sua lição, — ensinando e provando com o systhema colonial francez, como se enriquecem e desenvolvem colonias, — é preciosa para um povo como o portuguez, que ainda tem encasquetada na cabeça a mania de que ha-de povoar a Africa com brancos.

— Nós tambem pagámos cara a aprendisagem. A Tunisia foi um tormento, um prejuizo e um êrro. Afortunadamente, Marrocos já nos encontra convencidos de que as colonias de povoação falliram, e de que o futuro pertence ás colonias de exploração, celleiros d'oiro e de felicidade, precioso mercado para desaffôgo dos povos, a braços com a super-produção, como a França!

Joaquim Leitão.

1.º DE FEVEREIRO

MISSAS POR ALMA

de S. M. El-Rei D. C[illegible] e de S. A. R. o Principe D. L[illegible] Luiz Philippe.

Na Igreja da Magdalena, em Paris, resou-se no sabbado passado, 1 de fevereiro, uma missa por alma de El-Rei D. Carlos e do Principe Real D. Luiz Filippe.

Ao ceremonioso e commovido acto compareceram quasi todas as familias monarchicas residentes, ou de passagem, em Paris.

O magestoso templo da Magdalena, parecia, n'esse dia menos vasto, tal o numero de pessoas que assistiam á ceremonia.

Por absoluta falta de espaço, só no proximo numero podemos publicar a nota da assistencia.

* * *

Revestiu severa imponencia a missa mandada dizer pela Empreza de «O Correio» sufragando a alma das regias victimas do attentado de 1 de Fevereiro de 1908. Apesar de se não terem feito convites, despida a religiosa cerimonia do menôr aspecto de manifestação politica, todos os que souberam da solemnisação singela da lugubre data acudiram ao templo do Carmo, a protestarem intimamente contra essa mancha, com que portuguezes mancharam a historia do seu paiz, e a envolverem nas flôres da prece a memoria do Monarcha, que cahiu varado pelas balas dos que, n'um egoismo antipathico, entenderam ser mais util ao paiz paralysar a mão firme, que se exforçava por impellil-o para a vida activa e laboriosa, furtando-o á apathia, em que os parasitas tranquillamente sugavam o seu sangue, e os descontentes viam a derrocada das suas esperanças.

D. Carlos I morreu como rei, no seu posto; seu filho acompanhou-o no exemplo e no destino. Dois nomes, a mais, na historia universal, que nunca podem esquecer, que hão de ser sempre memorados — como os de todos os que sabem cumprir o seu dever.

Assim, como elles, todos nós soubéssemos cumprir o nosso, pois só os que trabalham e luctam incessantemente, avaliam quanto tem de grande e de meritorio, cahir exhâusto pela fadiga, em que exgotamos as forças e a intelligencia!

Em impressionante recolhimento, orando pelas almas suffragadas, via-se tudo o que esta cidade conta de mais saliente e respeitavel, tomando, d'entre a numerosa assistencia, nóta dos seguintes nomes:

D. Ignez Wan-Zeller Cabral e filha D. Ignez, D. Maria José Guedes de Mello Pereira e Caceres e familia, D. Elisa de Figueiredo Cabral e filhas D. Magdalena e D. Julia, Condessa de Campo Bello, D. Carolina de Almeida Coutinho e Lemos (Seixo). D. Henriqueta Viterbo e filha D. Virginia. D. Maria Celestina Costa A. Teixeira, D. Carolina Spratley, D. Maria de Menezes Cruz, madame Fraga e filha. D. Luiza Woodhouse e irmã, D. Leonor de Menezes Ferreira, madame Sequeira e filhas, D. Eulalia Pinto Machado Torre e filhas, D. Joanna Calvinho de Azevedo Sarmento e filhas D. Maria Guilhermina, D. Maria Rachel, D. Maria Guiomar.

D. Ignez Pinto Leite da Fonseca Araujo e irmã, D. Camilla de Castello Branco Cardoso e filha, D. Amelia Castelo Branco de Carvalho, D. Constança Magalhães, mademoiselles Taveira Peixoto Côrte-Real e filha D. Aurora, D. Maria Luiza e D. Maria Emilia do Carmo Rodrigues Sarmento, D. Maria dos Prazeres Palma de Vilhena e filha D. Maria Claudia, D. Maria de Souza Rego e filhas D. Bertha e D. Clara, D. Aurora Reis, D. Marquezz Antunes Leitão.

Viscondessa da Ermida e filhas, D. Arminda da Conceição Guimarães Santos, D. Maria da Conceição Guimarães Santos, D. Adozinda da Conceição Guimarães Mendes, D. Maria Adozinda Mendes, D. Maria de Jesus Mello Coelho, D. Maria da Conceição Guimarães Gama, D. Francisca Candida Mello Coelho Maia, D. Adelaide Mavilde Coelho Maia, D. Arminda da Conceição Coelho Maia, D. Irene de Jesus Coelho Maia, D. Josephina Machado Ornellas, D. Adelina Pereira da Cunha, D. Sophia de Souza Reis, D. Maria de Souza Reis, D. Helena de Souza Reis, Miss. Edith Mary Pawer Directora do Collegio Inglez e suas discipulas, D. Maria Pardinho, D. Maria da Luz, D. Izabel A. Leitão Freitas, D. M[illegible] José Albuquerque, D. E[illegible] Candida Moreira de Sá e Mel[illegible], D. Esmeraldina de Moraes [illegible] Sarmento, D. Adelaide de Moraes Sarmento, D. Maria José de Moraes Sarmento, D. Maria do Ceu Moraes Duarte Silva, D. Maria de Jesus Sarriva, D. Rachel Augusta Ribeiro Avelino e filhas, D. Rosa Branca Leal, D. Maria Elisa de Figueiredo Cabral e filhas, D Maria Helena de Figueiredo Cabral, D. Maria Julia de Figueiredo Cabral, D. Felesmina Pinto de Mesquita e irmã, D. Margarida Pinto de Mesquita, D. Colorinda Queiroz, D. Felismina Queiroz, D. Constancia de Moraes e Paiva, D. Alice Novaes Castro, D. Luiza Reis Novaes, D. Felismina Castro, D. Maria Moraes, D. Amelia Moraes, D. Guilhermina Forbes Costa, D. Emilia Salgado, D. Judith Salgado, D. Maria da Conceição Machado Carvalho e filhas, D. Maria da Conceição Ferreira Machado Carvalho, D. Helena Carvalho, D. Maria Albergaria, D. Maria José d'Albuquerque, etc. etc.

E os snrs.: Carlos da Motta Ribeiro, conselheiro dr. Souza Avides, Bernardo Lancastre e Menezes, Christiano Wan-Zeller, Manoel de Albuquerque, Alfredo de Castro, antigo ministro da Russia; conselheiro Pedro Araujo, D. João de Menezes, dr. Adolpho Pimentel, Antonio da Silva Marinho dr. Antonio Pinto de Mesquita, Visconde da Gandra, Felisberto de Moura Monteiro, Ernesto Velho, Julião Duarte Monteiro, Marcos Tameirão (Vallado), Simão Esmeriz, Camillo Castello Branco de Carvalho, Delfim de Lima, dr. Julio Araujo, Ezequiel Pizarro Monteiro, dr. Joaquim Urbano Cardoso, D. Francisco de Sotto-Maior e Avila (Esmoriz), Antonio de Albuquerque, Miguel P. de Vilhena, Conde de Campo Bello, Sebastião de Albuquerque do Amaral Cardoso.

Francisco Wan-Zeller, Henrique Cardoso de Menezes (Margaride), Alfredo de Castro e Silva, Mario Antunes Leitão, Carlos da Motta Marques, Alvaro de Almeida, conselheiro Francisco Castro Monteiro, engenheiro Constantino Cabral, Fernando Ermida, dr. Luiz Figueiredo Cabral, Francisco Figueiredo Cabral, Vasco e Ruy de Brito (Ermida), Francisco Manoel de Menezes Pinto de Azevedo, conselheiro Manoel Alves Pimenta, dr. José Taveira, dr. José Côrte-Real, engenheiro Vasco Taveira, dr. Simeão Pinto de Mesquita, Antonio Ferraz Sequeira, J. Meirelles, mezarios da Ordem do Carmo, varios ecclesiasticos, Antonio Magalhães Ribeiro, barão do Candal, Arnaldo V. de Castro Oliveira, Henrique Leite Vieira, Ferraz de Araujo, Cursino Cardoso, Eduardo da Fonseca, Angelo Sarmento

Calainho de Azevedo, Luiz de Menezes Acchioli, Eduardo Honorio de Lima, dr. Carlos de Lima, Antonio Jorge Coutinho e Lemos Ferreira, Francisco Wan-Zeller Cabral, Fernando Castilho, Vasco Valente, dr. Carlos Rego, Serafim de Moraes, dr. Eugenio da Fonseca Araujo, Arnaldo Pedrosa de Figueiredo, dr. Antonio C. Rodrigues, Antonio de Lemos, Julio Eugenio, Ludgero Malheiro, Abel dos Santos Ferreira, conde de Samodães, Julio de Carvalho e Familia, Abel Martins Pinto, Jayme Vallado, Augusto Gomes dos Santos, V. Pinto de Faria, Ricardo Arroyo, José da Silva Castro, Sebastião Barbosa, Antonio de Souza, Candido Monteiro, Bento Oliveira da Silva, José Antonio Fontes (Sobrinho) e Raphael Pereira dos Santos

Bento de Moraes Sarmento, Manoel de Moraes Sarmento, José Augusto de Carvalho, Julio A. Carvalho, Ricardo Bartol (Conde de Lumbrales), Eloy José Monteiro Sobrinho, P.e Joaquim Cardoso de Figueiredo Barreto, Felisberto de Moura Monteiro, Dr. Julio d'Araujo, Pedro da Fonseca Araujo Junior, Pinto da Fonseca, P.e Carlos Pereira Maia, Manoel Teixeira de Vasconcellos, Fernando Wanzeller, Costa Campos, Julio José Eugenio Junior, José de Souza Faria, Castro Monteiro, Visconde de Villarinho de S. Romão, Manoel da Silva de Figueiredo, Antonio José Gonçalves de Moraes, Jayme Correia da Silva, Diniz Joaquim Praça.

Carlos dos Santos Oliveira, Antonio Pereira da Motta, Antonio Alves de Souza, Carlos de Barros Vasconcellos, Guilherme Bernardino, Fernando d'Azevedo Coutinho, Annio Romariz, Manoel Rodrigues d'Oliveira e Sá, Augusto Gomes dos Santos, Felix de Mello, Carlos Alves de Souza, Adriano Luz, Anthero Pacheco da Silva Moreira.

Fernando Vale, Joaquim Fonseca Guerra, Antonio Marinho Duarte Souza, Avelino Ferreira Mattos, Manoel Martins Thomé, Carlos Gonçalves, Visconde da Gandra, Francisco Albuquerque, Antonio Luiz Abrantes.

* * *

Como todos os annos n'este anniversario, resou-se uma missa na Capella da Casa da Lama, em Guimarães, pertencente ao sr. João Santiago, por alma de S. M. El-Rei o Senhor D. Carlos I e de S. A. R. o Principe D. Luiz Filippe.

Além da familia da casa, foi muito concorrida pelo povo das povoações visinhas, que assim manifestaram mais uma vez o seu desagravo e [illegible] mais um Padre Nosso, por alma dos Reaes Defunctos.

A eleição Poincaré

No outro dia em Versailles, os espectadores que se apertavam na Galeria historica dos Bustos esperando aclamar o novo Presidente da Republica Franceza, viam abrir o desfilar dos personagens officiaes tres representantes typicos do regimen. Primeiro, com a sua cara de gato assanhado, chapeu carregado sobre os olhos, mal humorado, não disfarçando o seu despeito, Clemenceau, uma especie de Worwick da terceira republica, fazedor de presidentes, derrubador de ministerios, a intriga parlamentar incarnada e feita homem. Logo a seguir, estugando os seus passinhos miudos, com o seu perfil de papagaio, a sua perita branca, dando uns longes do Dr. Manoel de Arriaga, o celebre *Petit-Père*, Combes, o chefe e o inspirador da politica sectaria, a intolerancia no Governo, a desorganisação da defeza nacional, a guerra á egreja sem outro fim que a sua destruição, a delação como politica, as *fichas*, emfim o que Millerand chamou um dia o *regimen abjecto*. Depois, Caillaux, empertigado e correcto na sua sobrecasaca apertada, vencido na occasião, mas senhor de si, como quem é um dos representantes d'essa *finança* internacional, que attestando a degradação dos principios, tamanho logar, infelizmente para a humanidade, vem desempenhando nos negocios do mundo. E esses homens pareciam bem representar os *vencidos do dia*. Tudo o que se póde scismar de baixo e vil fora empregado para derrubar da presidencia quem não fosse devotado ao regimen, que elles ha quinze annos incarnam, por mal da França. E parecia certo que o eleito da Assembleia Nacional, sob a pressão indiscutivel da opinião publica, representaria deveras a defeza nacional, a dignidade perante o estrangeiro, a ordem, a paz, a auctoridade no interior.

Tal era, estamos seguros d'isso, o sentir de todos os que, possuidores d'aquella felicidade attribuida pelo poeta Mantuano aos que estão longe dos negocios, tão calorosamente aclamavam então Poincaré, e toda a noite se manifestaram pelas ruas mais importantes da grande cidade. Havia alguma coisa mudado na atmosphera franceza, e toda a imprensa estrangeira o reconhecia no dia immediato. Iremos ver outra vez a França tomar o seu logar no mundo? Será finalmente satisfeita a aspiração nacional, que o golpe de Agadir veio despertar?

Engano d'alma, dos que a fortuna não deixará durar muito. Por uma *chinezice* digna do regimen, o presidente eleito tem que estar um mez á espera de tomar posse do cargo. Porquê? E' impossivel explical-o. Ora o presidente eleito, era ao mesmo tempo presidente do conselho, e os radicaes vencidos em Versailles, e vencidos pelos votos das direitas, que os deram todos a Poincaré, exigiriam raivosos *satisfações* republicanas. E não ha de mais a mais, casos de maior importancia a resolver? Que importa a Austria mobilisada, a Russia sem licenciar as classes que terminaram o serviço, a Allemanha antecipando o chamamento das reservas? Eu só conheço o parlamento e a maioria, exclamara em Versailles um radical desesperado. Ora não se deu ainda satisfações á Camara, da reintegração, n'um modesto posto da territorial, do tenente-coronel du Paty de Clam: não está ainda resolvida a situação dos professores de instrucção primaria que combatendo o exercito, estão em revolta aberta contra o seu ministro e contra o Governo; não merecem elles portanto todas as attenções? E não succederá o mesmo áquelles *cheminots* dos caminhos de ferro, que quizeram destruir as linhas e propagam a *sabotage* da mobilisação?

Bem tentara Poincaré saciar as feras, atirando-lhes com Millerand nas vesperas da eleição. Mas é evidente que essa *satisfação* não dava sufficientes garantias. O que é preciso é que o Governo se não lembre de querer governar, e se o quizer, só ha-de ser com uma maioria republicana.

Cá está a theoria: o paiz que trate de si se quizer. E assim vimos logo esta série de factos, d'esta fórma explicados: A demissão do ministerio Poincaré; Briand encarregado de ir formar gabinete, e começando as suas *démarches* por consultar, successivamente, e antes de mais ninguem, Clemenceau, Combes e Caillaux! Exactamente os tres que mais combateram a eleição Poincaré, e os que mais representam o regimen contra o qual a Franca quiz protestar com essa mesma eleição.

Como significação do que seja o regimen parlamentar, em opposição aos interesses do paiz não conhecemos melhor.

Quer a França viver: sentiu a ameaça á bandeira, está prompta ao sacrificio mas quer ter a esperança alta. Os estremeções bellicosos que desde os campos da Thracia vem sacudindo a velha Europa, afinaram o patriotismo nacional que Agadir despertou. Não acceita já um presidente, que seja infeudado a um partido, nem mesmo arbitro entre os partidos. *Quer ser representado por elle.*

E poderá assim acceitar que elle abdique logo as suas altas funcções, perante as pretenções intolerantes d'aquelles, a cujo jugo degradante ella se quer eximir? A' voz que o exaltou e levantou ao primeiro logar, quererá Poincaré prestar ouvidos e poder-lhe-ha responder?

A solução da crise apresentada por Briand indica que o Governo tocou á esquerda. Procurou-se palliar um pouco o caso com a escolha dos titulares das pastas chamadas da defeza nacional: estrangeiros, guerra e marinha. Mas é ainda uma solução *parlamentar*: não é uma solução *nacional*. A crise entre as Camaras e o Paiz não está já no estado agudo, mas a lucta continua. A sahida de Millerand não foi remediada.

Paris, 21-1-913.

Ayres d'Ornellas

CIGARROS

Presidente ARRIAGA

Fina mistura de tabaco havano

A MARCA DE MAIOR SUCCESSO EM PORTUGAL

Cuidado com varias marcas imitações d'esta famosa marca

A Descentralisação nas colonias portuguêsas

Entrevista com Ayres d'Ornellas

Alguem perguntou um dia a Ayres d'Ornellas, que consequencia teria para a Hespanha a falta d'um homem publico, que acabara de desapparecer da scena politica hespanhola e da vida. Ayres de d'Ornellas respondeu:

—«Conheço muito pouco a politica hespanhola, não me sinto habilitado a tirar deducções d'esse facto. Se se tratasse de politica ingleza, franceza ou allemã, eu julgar-me-hia apto a apontar-lhe a menor *nuance*. Da Hespanha não sei nada.»

Esta honesta resposta de um homem politico, na elevada acepção de palavra, prova a honestidade intellectual de Ayres d'Ornellas; o respeito, com que se confina nos assumptos, a que profundamente se dedica, indica o especialista consciencioso e próbo.

N'um paiz onde um homem que leu um livro, se affoita logo a escrever dez mil volumes, paiz onde não ha o leitor, no sentido digno, honrado do termo, o lettrado que cultiva pacientemente um campo de conhecimentos e apenas na sua seára mette a mão, é um ser raro.

Ayres d'Ornellas tem essa probidade, e por isso uma columna de jornal assignada pelo seu nome glorioso é sempre a substanciosa compendisação do seu muito saber, e qualquer fragmento de valor, com esse homem uma dissertação de mérito, como succedeu com esta entrevista, versando a descentralisação nas colonias portuguezas.

De memoria presta, o illustre escriptor e legislador colonial abriu assim esta pequena conferencia:

—Ha-de notar uma coisa curiosa: na *carta constitucional* (se assim se póde chamar) do Ultramar Portuguez, que é a organisação de Rebello da Silva, de 1869, lá veem claramente affirmado no relatorio, e traduzido em muitas prescripções do decreto, os verdadeiros principios da descentralisação colonial. Não é *self-gouvernement*, com todas as suas attribuições de soberania, mas a indispensavel autonomia administrativa, que quer dizer, afinal, a simples faculdade de resolver no local proprio as mil questões da vida diaria interna d'uma grande colonia.

—E o decreto de Rebello da Silva foi applicado?

—A maior parte das prescripções nunca foram executadas.

—Porquê?!

—Pela mesma razão, que não deixou proseguir o plano, que no meu governo deixei esboçado. O primeiro governo que procurou praticar o segundo principio fundamental de Antonio Ennes foi o do snr. conselheiro João Franco, do qual eu fazia parte, como ministro da Marinha e Colonias. Até lá e depois não se praticou mais. Todavia foi constantemente reclamado por todas as entidades, que tinham interesses ligados á provincia: Camaras Municipaes, commissões de proprietarios, associações industriaes, etc. E ainda não ha um mez, se lia na imprensa de Lisboa a transcripção do protesto da Associação Industrial, Commercial e dos Proprietarios, perante a centralisação novamente exercida pelo governo republicano que, está claro, destruiu logo a minha obra, não porque a provincia se queixasse, mas porque era obra da monarchia.

—E' lamentavel esse delirio de bota abaixo, mas ao menos tem uma explicação: é o sectarismo negando cegamente a bondade, a belleza ou o valor do edificio, em que a demencia revolucionaria sacia as suas ancias de destruição. Mas os governos monarchicos, que deviam ter a elementar comprehensão da unidade da vida collectiva, e procurar a continuação das verdades nacionaes, herdadas da experiencia dos estadistas precedentes, porque estiveram elles desde 1869, fazendo orelhas moucas a Rebello da Silva, ao Ennes, ao Mousinho, e mantendo a nefasta centralisação?

—Porquê? Porque os ministros gostavam de ter na sua mão todos os meios de influencia, que essa centralisação dá. E então dizia-se que nós não eramos para isso, que isso eram manias inglezas, etc. Quando alguem, que tivesse capacidade e olhos de ver, ia ao Ultramar, proclamava logo a verdadeira doutrina. Assim o fizeram Marianno de Carvalho, Antonio Ennes e Mousinho d'Albuquerque, para não citar senão os tres do nosso tempo. Ennes, Mousinho, e eu procuramos seguir na esteira da tradição, que o primeiro deixara.

Um ministro da monarchia, nome de abominavel memoria, disse n'uma entrevista, quando presidente do conselho, que a descentralisação era absurda, porque nós nem pessoal para Camaras Municipaes tinhamos no ultramar.

—Na Africa ingleza, a maior parte das povoações não teem Camaras Municipaes. São substituidas por administradores nomeados e pagos. O que se pretende—explica o snr. Ayres d'Ornellas—não é a reproducção da formula, mas a applicação adaptada do principio. Não é possivel viver um povo, como o de Moçambique, onde circumstancias novas estão todos os dias a surgir, e necessidades novas a exigir forma de se lhes occorrer, dentro d'um orçamento elaborado na metrópole, por quem nunca poz os pés na provincia. Além d'isso, constitue, a meu ver, um verdadeiro roubo, tirar o dinheiro pago n'uma provincia pelo indigena ou pelo colono, dinheiro que não representa afinal senão a retribuição dos serviços do Estado, e leval-o para outra provincia, sem attender de todo ás necessidades que teem aquelles que o pagaram, isto sem o Estado prestar os serviços que lhe pagaram. E note, mais uma vez, que nenhuma d'estas ideias novas, nossas, é d'agora. Nas *Memorias*, por exemplo, em que o erudito Visconde de Paiva Manso defendeu a posse de Lourenço Marques, perante a arbitragem de Mac-Mahon, já se insiste na necessidade da separação de orçamentos, para que as provincias possam ter o desenvolvimento que lhes pertence de direito.

A construção pratica do principio descentralisador.

—Como adaptou v. ex.ª os principios da descentralisação no nosso ultramar?

—O que eu procurei na organisação administrativa de Moçambique foi colocar os diversos elementos da colonia, no seu verdadeiro logar, e dar sobretudo a cada funccionario, na hierarchia administrativa, competencia e attribuições definidas e claras. A situação no ultramar, debaixo do ponto de vista administrativo, era deveras curiosissima. Vivia-se sob o regimen de regulamentos, feitos na Metrópole, que muitas vezes, senão constantemente, brigavam uns com os outros. Vinha o homem das alfandegas e mettia tudo nas mãos do administrador das alfandegas; vinha o typo dos correios, e era uma especie de governador da provincia. As attribuições dos governadores de districtos tinham desapparecido perante as dos chefes de serviço, e as de governador geral não se sabia onde começavam nem onde acabavam. E a vida interna da provincia passava-se á espera da decisão de «s. ex.ª o ministro». Ninguem conhecia a legislação nem a lei. Pôr a ordem n'esse cahos, e dar liberdade e meios para que na provincia se podesse trabalhar para a provincia, ahi está o que eu fiz.

—Os governos monarchicos que se lhe seguiram tocaram na sua descentralisação?

—Modificaram-a em parte, porque é natural que, como toda a obra humana, fosse imperfeita e, por isso mesmo que collidia com tudo, quanto existia desde muitos annos, houvesse na sua applicação um certo numero de difficuldades.

—E como tencionava v. ex.ª, se se demora no governo, combater essas imperfeições?

—Depois de cada colonia ter o regimen que lhe era adequado, modificar a organisação e attribuições da secretaria do ultramar. E o edificio da administração colonial portugueza construir-se-ia assim da base para a cupula, e não da cupula para a base. Era preciso para isso que se seguisse na mesma orientação, com verdadeiro empenho de acertar, mas, como sabe, é mais facil destruir, e a Republica ainda não fez outra coisa.

—Fala-se muito em que correm risco as nossas colonias. Desejava ouvil-o sobre este assumpto capital para a nacionalidade portugueza.

—Amanhã á mesma hora, estou ás suas ordens. Será esse o thema da palestra, e verá como concorda commigo no unico, mas infallivel meio, que ha para salvar as colonias portuguezas.

Joaquim Leitão.

Exercito ou Milicias

O principio da *Nação em armas*, em que se baseiam as organisações militares contemporaneas, não é novo. Foi introduzido na historia e teve a sua primeira applicação na organisação militar de D. Sebastião, em 1572.

Essa organisação *nacional*, comprehendendo o *exercito recrutado*, as *milicias* e as *ordenanças* deu ao paiz a possibilidade de lutar durante as longas e porfiadas campanhas das guerras da Independencia, e mais tarde collocou nas mãos de Wellington o seu mais seguro elemento de victoria na luta de que foi theatro a Peninsula. Por essa epocha, officiaes generaes da reputação do Marquez d'Alorna e Gomes Freire estudavam essa organisação e procuravam collocal-a a par das modificações soffridas pela arte da guerra, ao passo que ella servia de modelo, como os portuguezes de exemplo, aos reformadores e restauradores da Monarchia Prussiana, varrida no dia épico de Iena pelo genio de Napoleão.

Tinhamos pois, ao acabarem as grandes guerras do Imperio, uma organisação militar *nossa*, que durante seculos fizera as suas provas de tal forma, que inspirara a remodelação das instituições militares na nação do Grande Frederico, e que officiaes generaes nossos e de valor conhecido porocuravam adaptar ás exigencias da epocha. Nada d'isso serviu perante o fervor iconoclasta d'aquelle destruidor do passado nacional, pelo qual nunca professamos a admiração, que lhe costuma ser votada, Mousinho da Silveira. E o que podemos afoitamente escrever, e o que já diziamos quando em Portugal havia exercito e nós tinhamos a honra de servir n'elle, é que nunca mais tornou a haver entre nós uma verdadeira organisação militar nacional.

O mal de que em tudo enfermou o regimen liberal foi a copia do estrangeiro. Sem o exagero nem a estupidez do actual, teve comtudo a de querer subordinar a vida nacional a principios theoricos, a um novo credo, que parecia ter sido inventado pela Revolução. O erro era da epocha, e tinha então desculpa. Por isso fômos andando com a copia da organisação franceza do marechal Gorviou Saint Gyr, ao acabarem as guerras liberaes, para ir successivamente seguindo o que se fazia *cá fóra*, até cahir no serviço de dois annos. Esse malfadado principio, introduzido n'um exercito, cujos quadros tinham sido em 1884 augmentados exageradamente, sem que razão alguma d'ordem militar o aconselhasse, e com grande prejuizo da situação financeira do paiz, annulava a breve trecho o seu valor militar.

A Allemanha adoptou o serviço de dois annos, é certo, mas foi levada a isso por uma razão que nunca existiu entre nós. O effectivo do seu contingente annual era tal que, mantendo-se o serviço de tres annos, ou deixavam fóra do exercito um quinto d'esse contingente ou eram obrigados a augmentar o effectivo annual do *pé de paz* a um ponto tal, que não havia finanças no Imperio que dessem para tanto.

Foi pois uma *necessidade* impreterivel que levou essa potencia a adoptar o serviço de dois annos, mas fel-o, deve notar-se, apenas para a infanteria e para a engenharia, continuando os alistamentos a serem por trez annos na cavallaria e na artilharia.

E ainda na infantaria fez tudo quanto era possivel para compensar na solidez dos quadros a menor trenagem do soldado.

Compare-se o quadro do regimento de infantaria allemão, que conta *400* officiaes inferiores *quasi todos readmitidos*, não digo já com o nosso quadro, que se podia considerar desapparecido em serviços alheios ao regimento, mas com o quadro francez de *125* officiaes inferiores, e ver-se-ha como a Allemanha procura remediar e atenuar um mal necessario.

Esse mal necessario foi exigido em França logo como systema, como meio de aproximar o exercito dessa *Milicia* sonho disparatado de todo o radical pacifista. E sem pensar no que tal tempo de serviço podesse significar entre nós, sem que de forma alguma houvesse tentativas para remediar um mal necessario, lançou-se o exercito por esse caminho, só pela simples imitação do que se *fazia cá fóra*, e sem atender ao que eram já os effectivos das unidades tacticas, depois da reforma de 1884.

No fundo, existia afinal como em França, uma mania egualitaria absurda: o serviço militar egual para todos. Simplesmente a propria egualdade, bem comprehendida, é que diz que o encargo que provem desse serviço, de forma alguma é egual para todos.

De facto, um mancebo de familia remediada póde sem prejuizo para os seus, servir dois annos. Para os trabalhadores ou operarios o caso é bem diverso: a familia fica privada do seu salario que é, não o superfluo, mas o necessario apenas. Antigamente, ainda havia as dispensas; agora acabaram; a egualdade não as admite, e *como sempre*, faz cahir mais duro o jugo e toma mais intoleravel a oppressão aos pequenos e aos pobres.

No espirito do legislador democratico, o serviço de dois annos é uma transição para a organisação das *milicias*, que Jaurès propunha ha pouco, com a inconsciencia que o caracterisa, a uma grande nação como a França. Acontece porem que sob o perigo de uma guerra, Millerand conseguiu fazer votar uma lei de quadros, que é ja uma emenda aos males do serviço de dois annos; e ao tomar no outro dia conta do ministerio, Etienne não podia deixar de significar que o serviço de tres annos é uma coisa, que se impõe. «Tem-me sempre preoccupado as difficuldades, que a cavallaria e a artelharia experimentam na sua preparação para a guerra, mas as difficuldades que experimentaria perante a Camara o serviço de trez annos, tambem não são para desprezar.» Quer dizer, traduzido em vulgar. Com o serviço de dois annos a cavallaria e a artilharia não se podem preparar para a guerra, mas a Camara, não aceita modificações na lei dos dois annos. Ja varias vezes o tenho dito e é outro exemplo, os que na Camara passam as theorias sectarias e as manias

egualitarias, muito adiante dos interesses nacionaes.

Os legisladores nacionaes é que não attendem a minucias de tal ordem. Transpozeram o passo perigoso, acabaram com o exercito permanente e instituiram um exercito de milicias. Mas o mais curioso é ouvil-os.

Primeiro, o decreto do recrutamento (2 março 911). «Entre nós o exercito permanente deve considerar-se uma instituição liquidada». E mais abaixo — Pretender manter hoje um exercito permanente n'uma Republica novel, como a nossa, cheia das mais justas, das mais nobres, das mais santas aspirações de verdadeira liberdade, equivaleria a abrir um conflicto irreductivel entre esse velho regimen de privilegio e a grande massa da nação...»

E no decreto de 25 de maio do mesmo anno, que organizou o exercito, repetem-se as mesmas affirmações:

«Os exercitos permanentes, fizeram o seu tempo: são instituições liquidadas. D'ora ávante um exercito não pôde continuar a ser propriedade exclusiva dos militares profissionaes».

Esta parte affirmativa conjuga-se com a apreciação do regimen monarchico, tão liquidado como os exercitos permanentes. Pasme-se do quadro:

«O paiz vivia n'uma athmosphera viciada, que atrofiava á nascença os mais generosos e productivos germens do progresso...

«Era indispensavel que uma revolução, purificando o ambiente, estabelecesse novas correntes de um ensinamento fecundo, e convertesse este bello paiz n'um terreno propicio á floração dos mais nobres ideaes, no amplo e claro desbrochar dos mais altos estimulos do progresso, reintegrando-o no logar honroso, que Portugal já occupára ao lado dos povos civilisados e d'onde o obscurantismo e a oppressão o haviam afastado, mas que no registo imparcial da Historia se lhe conserva garantido por uma tradicção de seculos.»

Ora esse *logar honroso*, que Portugal já occupára ao lado dos povos civilisados, não seria devido á acção da Monarchia? Não é a ella que se deve essa *tradicção de seculos*, que lhe garante tal logar no *registo imparcial da Historia!*

Curiosa confissão, mas seja como fôr, a republica pretende identificar o exercito com a *mesma alma* da nação, chegando á *nação em armas*. Como o serviço pessoal e obrigatorio vae forçar todos, sem distincção de classes, nascimento, fortuna ou profissão, a passar pelas fileiras, o cidadão só alli deve permanecer o tempo indispensavel á instrucção na escola de recrutas, 15 a 30 semanas!

Depois, para que essa instrucção não seja na biographia do individuo um *incidente ephemero*, palavras textuaes veem as *escolas de repetição*, verdadeiros ensaios de mobilisação, de duas semanas por anno, para o activo.

Quer dizer um soldado serve hoje em Portugal na fileira entre tres e seis mezes. Mais nada.

Para os quadros, ha alem dos *cursos de tiro* e dos cursos technicos, *doze* especies de escolas differentes, onde os *cursos* se aprendem em *oito* semanas para os officiaes, e *quatro* apenas para os sargentos.

«Um paiz sem exercito, diz-se eloquentemente no relatorio, equivale a um corpo sem alma.»

Donde se conclue sem grande esforço que o exercito é a *alma* da patria.

Que *alma* sahirá desta embrulhada de escolas, de cursos, de repetições, de officiaes milicianos? Não será difficil dizel-o.

O que havia de exercito em Portugal acabou por uma vez. O que lá está não é coisa nenhuma. E' uma má imitação do systema militar Suisso, do qual uma autoridade como o general Langlois, escreveu um dia não ser systema *para exportação*.

Liquidados os exercitos permanentes? E estamos a assistir, em menos d'um anno, a dois acrescimos successivos das forças militares allemãs, que hoje, agora, em qualquer epocha do anno podem entrar em campanha com cerca de 700:000 homens, cifra formidavel, que representa só o *activo*, que se póde considerar, e é um verdadeiro *exercito permanente*, onde não entra um só reservista!

Vendo, em frente dessa ameaça, os seus 500.000 recrutas do serviço de dois annos, mal enquadrados, e completados por reservistas, a França esforça-se por atenuar os males da lei dos dois annos, e é então que, com a passmosa inconsciencia que em tudo os caracterisa, os nossos legisladores vem declarar *liquidados* os exercitos permanentes!

Não é só a atração do abysmo a verdadeira: é o tambem e mais forte, a atração da asneira. E criminosa asneira é ir copiar mal, entre nós a organização suissa, que lá é *nacional*, justificada, e util. Nada d'isso acontece em Portugal, que a republica tem feito.

A Suissa mobilisa em 48 hora 215:000 combatentes, 8' $^1/_{15}$ da sua população. A França mete em 1.ª linha $^1/_{40}$ e a Allemanha, apezar da cifra do effectivo $^1/_{60}$. Vejamos o que a respeito de tal exercito diz uma auctoridade contemporanea, o general Maitrot:

«O Exercito suisso é na Europa o typo unico de um exercito de milicias (o general evidentemente não conhece os jovens turcos de Lisboa), e devemos acrescentar que a Suissa é o unico paiz, em que tal exercito possa existir. Porquê? Porque a nação é essencialmente guerreira, *porque o suisso é profundamente disciplinado*, porque é patriota no sentido mais elevado da palavra, patriota sem gabarolas, sem parlapatices, mas simples, honrada, ardentemente, porque os encargos militares são uma honra, e que todos os cidadãos, mesmo os de mais alta situação social, lhe aceitam as consequencias, quaesquer que sejam, sem queixa, como um dever sagrado».

E não se julgue, acrescenta depois, que n'esse exercito de milicianos a disciplina seja paternal, é pelo contrario das mais severas. E se não leia-se o artigo do regulamento disciplinar em *tempo de paz*. «Ha revolta quando varios militares desobedecem em commum. *Cada superior tem direito d'empregar a força das armas* contra os rebeldes.

E cita exemplos, para mostrar como esse emprego tem logar.

Parece-se alguma coisa com o estado social da Suissa, o que a Republica criou em Portugal?

Entrámos para o exercito portuguez em 1881, e até á proclamação do governo provisorio n'elle, sem interrupção, servimos. Não nos consente esse passado dizer o que pensamos ácerca do estado moral do que em Portugal se chama, impropriamente, o *exercito*. Tal organisação desappareceu. Liquidou-a a Republica. Quizemos apenas fazer perceber mais um absurdo, a accrescentar a todos os outros, que caracterisam a legislação incoherente da demagogia de Lisboa. Tudo criado no ar, tudo baseado em theorias falsas, já velhas e sediças, ignorando os factos, sem comprehensão alguma do mundo de hoje; tudo destinado a desapparecer. A defeza nacional confiada, no paiz que elles criaram, a milicias! Uma organisação militar, producto *unico e tradicional* de um meio social coherente, unido, disciplinado, crente, applicado n'um meio onde tudo isso falta e pela essencia do proprio governo que o decretou!

Como incapacidade pratica não ha mais completo.

Pariz-31-1-913.

Ayres d'Ornellas.

Conselheiro José de Novaes

Já não foi possivel referirmos-nos ao fallecimento d'este vulto importante da politica portugueza, no ultimo numero do nosso semanario.

Depois da imponente manifestação, a que deu logar o seu funeral, ao jornalista nada mais rêsta dizer. A espontaneidade da homenagem tributada ao seu caracter e ao seu mérito, apesar da tarde tempestuosa, em que partiu para a sepultura, significa bem mais do que uma lisonja — pois os mórtos são a ella insensiveis.

Foi um impulso natural, tanto dos seus amigos, como dos que sentem o rarear das fileiras, aonde se notabilisam os homens de bem e os cidadãos prestantes.

A magestade da morte e o rebate das consciencias, ainda nas almas mais apaixonadas, curvou perante o seu esquife, desde os mais alto representantes do paiz, e dos paizes estranhos, até aos modéstos proletários, que só pensam no trabalho.

As suas mãos geladas já não podiam auxiliar alguem: a politica, que lhe deu honras e nome é hoje, apenas uma pagina da historia. Porque, então, esse cortejo, como nunca teve egual em vida? Por todos comprehenderem que se apagára um espirito elevado, pungido de de desgostos e fatigado de desillusões, ao ver que tão mal avaliado fôra o seu honesto desejo de concorrer para o bem da pátria e para a regeneração dos costumes politicos. Outras ambições não teve, pois a sôrte o fez independente, e a illustração o elevou ás mais imvejadas honras sociaes.

Foi essa evidencia, talvez, que muito encorreu para lhe encurtar a vida — pois o clarão que põe em fóco os espiritos é uma chamma, que tantos nos illumina os passos, como nos exgota as forças!

* * *

Foi numerosissima a assistencia ao seu funeral, acompanhando-o a Agramonte muitas dezenas de treus, com amigos intimos, que no limiar da jazida lhe deram o ultimo adeus e sobre o caixão lhe destulharam a derradeira saude. Muitos viéram de longe cumprir esse dever de honra e de sympathia, embora já não podesse vel-os o invólucro do grande espirito, que se evolára.

Na impossibilidade de darmos os nomes de todos os assistentes — para o que precisariamos d'algumas columnas — limitar-nos hemos a dizer que o fune-

8 FOLHETIM DE «O CORREIO»

A CHICA

NO GARNAVAL

Eu já contei uma vez o que era a minha vida, a minha triste vida, com a Chica, nas semanas que precediam o Carnaval. O que era o meu fadario trepando as escadas de todos os predios onde se recebiam mascaras, acompanhando o grupo da Chica, um grupo tremendo de dominós vermelhos que, ainda ninguem sonhava com o Carnaval, já andava ás noites, por essas ruas a visitar toda a gente conhecida.

Eu já contei isso. Mas não contei ainda o caso de um *bal de têtes* a que, por mal dos meus pecados e amor da Chica, fui, com ella, com a tia e com uma uma das primas Pamplonas, a mais nova, ainda serigaita, que tambem se pelava por aquellas coisas.

Esse baile dera logar a largas conferencias á noite, á janella, com a Chica.

Ella não sabia a *tête*, que devia apresentar.

Queria uma cabeça historica que lhe fosse bem, mas uma cabeça conhecida, que se visse logo o que era.

Eu indicava-lhe varias. Citando versos de Camões, aconselhava-lhe a cabeça de Ignez de Castro. A Chica hesitava... Não sabia como era a cabeça da, que depois de morta foi rainha. Eu tambem não. Então citava-lhe outras do estrangeiro. Lembrava Maria Antonietta. Ella, coitadinha, pouco forte n'essas lerias de historia, perguntava-me hesitante:

— Qual? A de Antonietta Lemos?...

— Não... A outra... A de França... a que foi decapitada.

A Chica tinha um estremeção, e murmurava:

— Que horror!...

E pedia que lhe indicasse outra cabeça que fosse bonita, e que ao mesmo tempo fosse d'uma figura sympathica e accrescentava.

— Uma cabeça de pessoa que a tenha conservado até ao fim da vida...

— Mas, ó Chica, a Maria Antonietta conservou-a até ao fim da vida...

— Não... essa não... que horror!

Duas noites passamos a discutir a cabeça que a Chica devia levar. Por fim ficou resolvido que ella fosse de Margarida do Fausto.

Ella lá tinha as suas razões... e os seus cabellos, magnificos cabellos que formariam duas admiraveis tranças.

Naturalmente eu resolvi então ir com cabeça de Fausto.

Deu-me um trabalhão para saber como havia de arranjar a cabeça para que ella fosse de Fausto. Mas consegui... Na noite do baile puz uma longa cabelleira branca, e de casaca fui para a festa.

A Chica estava linda. Estava linda, e estava furiosa com a Pamplona, que tambem quizera ir de Margarida e desenvolvera umas tranças que eram um deslumbramento e uma riqueza. Tinham custado um dinheirão no Godefroy.

Claro está que foi sobre mim que a Chica despejou o mau humor.

— Que cabeleira é essa? pergumtou-me ella logo que me viu.

— Isto é uma cabeça de Fausto.

— Que tolice!..

— Que tolice... porquê? pergumtei indignado, e com a consciencia que estava até muito bem uma cabeça á Fausto.

— Nunca vi Fausto nenhum de cabelleira branca...

E furiosa voltou-me as costas.

Eu desanimado, pois confesso que esperava que a Chica me elogiásse pela fidelidade com que eu reproduzira a *tête* de Fausto, do *Fausto* de S. Carlos n'esse anno, é claro, atirei-me para um sofá e para alli me deixei estar aborrecidissimo, e tanto mais aborrecido quanto não havia nimguem que me fallasse a respeito da minha cabelleira branca e a quem eu respondesse que era copia exacta da cabeça do Fausto, que me não observasse logo como a Chica:

— Ora!... Um Fausto de cabeleira branca, nunca vi!...

Era espantoso... Convenci-me n'essa noite que era eu a unica pessoa que tinha visto a opera desde o principio, pois toda aquella gente parecia ignorar que o Fausto, antes de ser novo, a partir do primeiro acto, tinha sido velho no prologo.

Ora minha *tête* de Fausto era de Fausto no prologo.

Pois não havia ninguem, que me não dissesse aquella tolice:

— Ora! um Fausto de cabellos brancos nunca vi!...

Pois tinha visto eu, com seiscentos demonios!

E tinha visto em todas as recitas, em que tinha ouvido a opera!

Confesso que d'essa vez encavaquei.

Sempre supuzera fazer successo e fizera um verdadeiro fiasco.

O sucesso da noite, — vejam a injustiça!... foi para o sr. Henrique de Vasconcellos, que por lá andava de iapis em punho a tomar os nomes dos convidados e a comer *sandwichs*.

Toda a gente que o via exclamava:

— E' admiravel!... E' tal e qual!...

Elle ria, sem comprehender aquella admiração, e quanto mais elle ria, a mostrar os dentes, mais era o enthusiasmo.

— E' a *tête* mais perfeita que está no baile! asseguravam-todos.

Eu que já conhecia o sr. Henrique de Vasconcellos, e de gingeira, não comprehendia aquelle successo.

Olhava para elle, via-o com a sua cabeça de todos os dias, e não conseguia perceber os motivos d'aquelles applausos.

E teria ficado sem o comprehender se a tia da Chica, que andava em volta das salas a examinar as cabeças de toda a gente, como quem examina as quinquilherias nos armazens Grandella, não tivesse parado defronte do sr. Henrique de Vasconcellos e não tivesse dito com aquella simplicidade, que eu sempre lhe admirei:

— Se tem vindo de tanga... a illusão seria completa.

Foi então que eu percebi os motivos do successo do sr. Henrique de Vasconcellos.

Tendo ido ao baile de *têtes* com a sua cabeça de todos os dias, todo a gente imaginara que elle se fizera para a festa uma cabeça de preto.

ral do conselheiro José de Novaes é dos mais imponentes que se teem realisado no Porto, revestindo esse facto o alto significado de que aquelles cuja vida foi alheia a mesquinhos interesses e paixões, não esquecem depressa — mesmo depois da môrte!

Semana elegante

Um pouco de tudo.

Tem estado em Lisboa o snr. D. Sebastião Manoel (Atalaya).

—De Paris partiu para Toulouse o snr. Conselheiro Antonio Carlos Coelho de Vasconcellos Porto, ministro de Estado honorario.

S. ex.ª vae dirigir os trabalhos da Companhia Real dos Caminhos de Ferro nas linhas do Midi.

—Chegou a Lisboa o illustre engenheiro snr. Carlos Wan-Zeller.

—Tem estado no Porto o snr. dr. José Taveira de Carvalho.

—Partiu para S. Pedro do Sul o snr. Visconde de Mira Vouga.

—Partiram para Macau a snr.ª D. Maria Leonor da Silveira e Lorena Magalhães Corrêa (Sargedas) e filha, snr.ª D. Maria Luiza.

—Vinos no Porto o snr. Conselheiro Ernesto Driesel Schröeter, ministro de Estado honorario.

—Realizou-se o casamento da snr.ª D. Maria Sophia de Machado Lobo com o snr. José Luiz da Veiga Fonseca.

Soirée elegante.

—Muito animado o «bal costumé» realizado na noite de 26 ultimo nas salas do «Restaurant do Palacio de Crystal, para esse fim graciosa e artisticamente ornamentadas.

A's duas horas da madrugada abriram-se as portas para a sala muito bem decorada, da ceia, servida em elegantes «petites tables».

Difficil nos foi tomar nota de todos os ricos e antigos costumes, lembrando-nos os seguintes, das senhoras:

D. Bertha de Souza Rego, linda toilette «Luiz xv», D. Clara de Souza Rego, bello costume «Imperio», D. Constança Maria Montenegro Pinto Moreira, irreprehensivel toilette «Maria Antonieta», D. Maria Ayres de Gouveia Allen (Villar d'Allen) muito distincta toilette, «Copia d'um quadro celebre de Vandick, seculo xvii», D. Thereza Ayres de Gouveia Allen (Villar d'Allen) graciosissima «Castellã da Edade Média», D. Maria Emilia Guedes Cabral Valente, formosissima toilette de «Persa», D. Maria d'Albuquerque de Mello Pereira e Caceres e Irmã, D. Christina, elegantes toilettes á «1840», D. Celestina da Costa Allemão Teixeira, «Zingara», D. Maria Luiza Pinheiro de Aragão «Imperio», D. Anna d'Almeida Vianna (Nandufe), «Burgeotse» allemã, seculo xvi, D. Virginia da Fonseca Viterbo, rigorosa toilette — 1850.

D. Maria Henriqueta Mello Sampaio Mexia (Pombeiro) «Imperio», D. Beatriz Ayres de Gouvêa Alcoforado, graciosissimo vestido «Imperio», D. Maria Valente Cabral irreprehensivel na sua toilette azul ferrete, «Imperio», D. Ignez Pereira Cabral a mesma epocha, D. Maria Claudia Palma de Vilhena — 1830, D. Maria Amelia Magalhães Lencastre (Gandara) «Imperio», D. Maria C. d'Almeida e Brito, «Pierrete» D. Maria Luiza Pereira Machado de Castro «Imperio», D. Julia de Figueiredo Cabral, toilette hespanhola, D. Magalena de Figueiredo Cabral «Aguia Russa», D. Maria Henriqueta Pereira de Oliveira, magnifico Watteau, vestido authentico, D. Thereza Silva de Vasconcellos Porto, linda coiffure Marquise, D. Elsa Mendes Corrêa, travesti açucena, D. Lucinda Wandschneider Ferreira, marroquina, D. Julia Peixoto Taveira «Luiz xv», D. Maria Helena e D. Maria Izabel de Magalhães Busto, riquissimas toilettes «Gueisha», D. Maria de Menezes Queiroz «Imperio», D. Sophia de Melrelles e Vasconcellos, «Imperio, verde», D. Maria Christina Cerquinho Collier, «Imperio, Maria Luiza», D. Maria Francisca Pinto Basto de Sá muito bem, «Imperio branco, Mailletée», etc., etc., e dos rapazes:

Alberto Ayres de Gouveia, mascara veneziana do seculo xvi, Alberto Cerqueira, «Bulgaro», Alexandre de Paiva de Faria Leite Brandão, official da Guarda Imperial, Alvaro Ayres de Gouveia Osorio, copia de um quadro celebre de Lourenço de Médicis, seculo xv, Alvaro de Paiva «Luiz xvi», Antonio Bernardo Ferreira — 1830, Diogo S. Romão, — 1911, Francisco de Figueiredo Cabral, authentico costume chinez, João Ramos Arroyo, official da Guarda Imperial, João Archer «Luiz xv», Luiz de Figueiredo Cabral — 1830, Luiz de Menezes Acciaiuoli «Hussard do Imperio — 1813, Luiz Nunes da Ponte, official do Imperio, Luiz de Vasconcellos Porto «Conde de Neipper». Manoel Rangel «Aiglon», Miguel d'Athayde Malafaia Palma de Vilhena — 1810, etc., etc.

Sermões de Quaresma

Em cumprimento da disposição testamentaria do finado Barão de Castello de Paiva, deverão realizar-se na egreja da Ordem 3.ª do Carmo sermões de Quaresma, que terão logar ás sextas-feiras ás 3 horas da tarde, sendo orador o reverendo Manuel Estevão Ferreira, Abbade d'Anta.

No final dos Sermões haverá um *miserere* cantado pelos alumnos do orpheon d'aquella Ordem, sob a direcção do Sr. Eduardo da Fonseca, assistindo a Mesa d'aquella beneficente instituição, em cumprimento d'outro legado.

Carta de Lisboa

Um amigo, dos raros felizes por seu incorrigivel folgasão, conta-nos como registo do seu carnaval, ter ido encontrar nas duas escadarias, que no theatro nacional conduzem aos camarotes de primeira ordem, dous enormes espelhos, novidade transportada de um dos Paços Reaes, postos a saque pela mais audaciosa ambição burocratica e artistica.

Quem autorisou essa mudança? Com que decreto ella se fez? De onde foram arrancados esses espelhos? Qual a sua historia? Ninguem o sabe. Foram para o theatro nacional como poderiam ir para a sala de qualquer conceiho superior, de origem democratica; foram guarnecer as paredes da escadaria, como muitos outros foram para os gabinetes de directores geraes, para lyceus, para escolas, não sabemos se até para as sedes das commissões parochiaes ou para qualquer loja maçonica. Logo que se mudou de regimen, começou uma dança macabra com tudo quanto havia nos Paços reaes, e mal sahiram para a sua deportação forçada, os antigos prelados das dioceses, essa consa generalisou-se com o mobiliario, alfaias, e todos os apetrechos existentes nos paços episcopaes. Cahiu então sobre as pastas dos ministros uma infinidade de requerimentos e officios, pedindo cadeiras para a escola tal, mesas para os lyceus, poltronas para o gabinete do snr. A. quadros para a sala do sr. B. Surgia um representante de Academia de Bellas Artes e requisitava o que via; seguia-se um outro dos archivos publicos e «xigia o que encontrava; vinha um amador de bric-á-brac e lançava mão do que lhe convinha. Os jornaes furtavam-se de noticiar essas mudanças, feitas á matroca, sem obediencia a um plano, e muitas vezes sem ordem alguma!

O que se tem feito é um verdadeiro crime artistico e historico. Passamos ligeiramente sobre a desordem que esse crime representa, porque o que se impunha desde logo seria a feitura rapida de um inventario, conservando-se tudo tal qual se tinha encontrado. Esse inventario daria, nos Paços Reaes, enorme facilidade á tarefa de se destrinçar o que de direito representava propriedade particular da familia reinante e o que de facto deveria ser do Estado, e nos outros paços o que, pela Lei da Separação, deveria ficar nas mitras e o que deveria passar para o Thesouro. Mas não se adoptou esse systema.

Do Paço de S. Vicente teem sahido mobilias para diversos serviços publicos, e ninguem poderá explicar a que principio essa divisão obedece, a não ser ao caprichoso desejo de influentes burocratas, cortando á larga para satisfação de vaidades balofas. Erro verdadeiramente imperdoavel!

Os Paços reaes deveriam ser conservados, taes quaes ficaram no dia 5 de outubro de 1910; os proprios prejuizos causados pelas granadas dos navios revoltosos nunca se deveriam remediar e antes mantel-os, como pormenores vivos de um facto historico. Assim se procede em toda a parte; só assim se não fez entre nós, por uma bem triste e errada comprehensão dos deveres de uns, das exigencias de outros. No Paço das Necessidades nunca se devia ter tocado. O arrolamento mandado fazer deveria ter sido executado, sem se tocar nos objectos. Descrevel-os, catologal os, inscreve-los, tudo o que quizessem. Mexer-lhes, nunca! E d'essa fórma conservar-se-hia constituido um interessantissimo museu historico, que a curiosidade do estrangeiro procuraria visitar e admirar, que o indigena mesmo iria ver, a troco de uma diminuta entrada. Mais. E se entre os objectos reclamados pelos exilados, alguns houvesse que, embora propriedade propria, fizessem falta sensivel ou pelo valor artistico, ou mesmo pela sua significação historica, o dever do governo seria iniciar habilidosas *demarches*, para que os deixassem ficar onde estavam!

Quantas transformações politicas se produziam em França, desde o reinado de Luiz XVI, e no emtanto Versailes é ainda hoje um dos monumentos historicos mais afamados e procurados! Duas revoluções destruiram dous Imperios e nos Invalidos continua imponente a crypta do grande Napoleão! Uns poucos de seculos decorreram sob a queda do Imperio romano, e as ruinas do velho Circo continuaram impavidas desafiando a acção dos tempos!

Mas isso é lá fóra.

Cá dentro os grandes luminares da politica e da burocracia enveredaram por caminho diverso. Como ratos dentro de guarda-louças, destruiram o que á sua furia aprouve, roendo tudo o resto.

Abriram esses museus de preciosidades á cubiça desvairada de cada um, e sem plano, sem ordem, sem senso, deixaram que tudo isso desapparecesse, em nome de quê? De uma qualquer absurda economia? Nem isso, porque até outubro de 1910 havia já gabinetes de directores geraes, e o mobiliario existente bem poderia servir, aos nossos funccionarios da democracia victoriosa!

Pois fizeram mal. Perderam assim interessantes museus e uma receita, que poderia bem acudir ao minguante deficit do orçamento democratico.

Chronica dos Theatros

Aguia d'Ouro — Em virtude da grande falta de espaço só no proximo numero nos referiremos á *première* da Companhia italiana. Mas como não queremos deixar de informar os nossos estimaveis leitores, diremos que a excellente Companhia merece ser ouvida.

Hoje repete-se a *Casta Suzana* uma das melhores peças do reportorio.

Carlos Alberto — Esta noite realiza-se a *reprise* da linda opereta allemã *Sonho de Valsa*, que é um dos maiores successos do reportorio moderno.

— Brevemente sobe á scena a *Flor da Rua*.

Sá da Bandeira — Sobe hoje á scena, em primeira representação, a opereta portugueza «*O Sacrificio de Abrahão*» do illustre escriptor D. João de Castro e musica do distincto maestro Nicolino Milano. O 1.º e 3.º acto são passados no Minho, exibidin-se as tradiccionaes e lindas danças d'aquella região. O espectaculo de hoje deve ser um successo.

Olympia — Por a actriz Pepita d'Abreu ter de se retirar para Lisboa, só na proxima terça-feira se realizará a «première» *O Conde de Bazan*. Hoje e amanhã as ultimas da engraçada revista *Peço a palavra*.

Colyseu de Variedades — Em virtude de um atrazo nas bagagens do eximio artista norte-americano *Sears* só hoje se effectua a sua apresentação.

Sears segundo a opinião da imprensa de todo o mundo é o melhor artista no genero. Os seus trabalhos de *Magia, Prestidigitação, illusionismo e Transformismo* são apresentadas com naturalidade executados com muita destresa e elegancia. O notavel illusionista norte-americano faz-se acompanhar de 18 pessoas e os seus scenarios são riquissimos.

— Amanhã há dois espectaculos.

CINEMATOGRAPHOS

Jardim Passos Manoel — Os programas das sessões de hoje e de amanhã são variadissimos e estão elaborados da forma a constituir um grande exito. *Os films* d'arte *A mascara negra* e *Unidos na immensa tumba*, de 1.500 metros, são um verdadeiro successo.

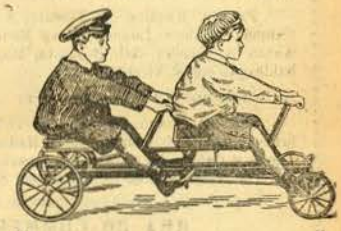
A nossa primeira sociedade continua alli a dar *rendez-vous* ás terças e sextas feiras.

Salão High-Life — Este elegante salão continua sendo muito concorrido em virtude dos magnificos *films* que apresenta.

Salão Pathé — Hoje e ámanhã os programmas são prehenchidos com fitas de verdadeira sensação

Metropolitan-cinematour — Das 4 horas da tarde á meia noite novas viagens de illusão em caminho de ferro.

Annuncios



Aos paes que velam pela saude de seus filhos, recommendo este apparelho, porque é tambem aconselhado pelos mais distinctos clinicos.

Bazar Esmeriz

CLERIGOS, 70

Compagnies de Navegation

SUD ATLANTIQUE

Linha postal. Para Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Ayres, com escala por Dakar.

A 11 de Fevereiro o paquete *La Bretagne*.

Linhas Commerciaes. Para Pernambuco, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Ayres, com escala por Dakar.

A 25 de Fevereiro o paquete *Liger*.

Para Bahia, Rio de Janeiro. Montevideu e Buenos Ayres com escala por Dakar.

Para Bordeous, a 9 de fevereiro o paquete *Liger*.

K. H. Lloyd (Mala Real Holandeza)

Para Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e B. Ayres.

A 3 de Fevereiro o paquete *Hollandia*.

A 24 de Fevereiro o paquete *Frisia*.

Para Vigo, Boulogne. Paris, Dover, Londres e Amsterdam, a 5 de Fevereiro o paquete *Zelandia*.

Linha Cyp. Fabre & C.ª

Para New-York, Providence e mais cidades dos E. Unidos da America do Norte.

A 15 de Fevereiro o paquete *Germania*.

Para Marselha. A. 25 de Fevereiro o paquete *Roma*

Para carga e passagens e mais esclarecimentos trata-se com

OREY ANTUNES & C.ª

No Porto — Largo de S. Domingos, 62, 1.º

Em Lisboa — Praça Duque da Terceira, 4

"ADESIVOS E MAKAVENCOS,,

Chegou nova remessa d'estes magnificos bacios á casa

"AU BON MENAGE,,

81, Rua de Cedofeita, 85 *Teleph. 942 — PORTO*

Casa especialista no fabrico de colchões de arame, colchões de folhelho, lã, crina e summauma

Unica colchoaria no Porto que possue um bem montado serviço de esterilisação e desinfecção pelo vapor sob pressão.

O proprietario,
Julião D. Monteiro

LEGITIMOS
CIGARROS D'ALGER
PERFUMES de salon
CREMES D'herbe divine
Universalmente conhecido como os mais hygienicos
— Não affectam a garganta —
Cuidado com as imitações que a fama mundial d'estas marcas tem provocado.

COMPANHIAS DE SEGUROS
La Union y el Fenix Espanol de Madrid
Union Maritime de Paris
Mannheim de Mannheim
Seguros sobre a vida, incendio, explosão de gaz, de machinas, raio, rendas em caso de incendio, maritimos, postaes e transportes de qualquer natureza.
LIMA MAYER & C.ª
RUA DA PRATA, 59-1.º

ESCOLA PRATICA COMERCIAL

Rua Gonçalo Cristovão, 191

PORTO

Estabelecimento de ensino pratico comercial

UNICO NO PAIZ

Premiado com medalha de Ouro e Prata.

Recebe alumnos internos e externos.

Envia-se o programa ilustrado a quem o requisitar.

Empreza Nacional de Navegação

PARA A COSTA OCCIDENTAL D'AFRICA

Sahidas em 7 de cada mez:

Para a Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Landana, Cabinda, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, e para S. Antão, S. Nicolau, Sal, Boavista, Maio, Fogo, Brava, Bolama e Bissau; com baldeação em S. Vicente.

Sahidas em 22 de cada mez:

Para S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, S. Antonio do Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, Bahia dos Tigres e Caboandel para Fogo, Brava, Maio, Boavista, Sal, S. Nicolau, S. Antão e S. Vicente, com baldeação em S. Thiago.

Para carga e passagens trata-se no escriptorio da Empreza

RUA DO COMMERCIO, 85—LISBOA

CIMENTOS

NACIONAES E ESTRANGEIROS

POR GROSSO

Vantagens excepcionaes para grandes fornecimentos e contractos annuaes, etc.

J. WIMMER & C.ª

LISBOA

Fabrica de pregos e ferragens para malas

A unica no Paiz que fabrica todos os artigos para confecção de malas de viagem

PEDIR CATALOGOS E PREÇOS AO DEPOSITO

Rua de D. Pedro, 110-2.º PORTO

PERFUMARIA FINA
PRAÇA DE D. PEDRO, 101
LISBOA

RECEBEU novo sortimento de essencias finas para o lenço e banho, saboretes e pós de arroz finissimos, boa agua de Colonia Florida e preparados garantidos para o cabello, dando a côr natural; sortimento de elixires, pasta, pós dentrificos.

Perfumaria Balsemão
RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE 2:777
LISBOA

Magalhães & Moniz, L.da

LIVRARIA EDITORA

Depositarios da Imprensa Nacional

Venda de livros nacionaes e estrangeiros de ensino, arte, sciencias e lettras.

Agencia de assignatura para todos os jornaes e publicações
CORRESPONDENTES EM TODO O MUNDO

CASA FUNDADA EM 1873

11, Largo dos Loyos, 14 — PORTO

A EUROPA

PADARIA, CONFEITARIA E PASTELARIA

Rua da CONCEIÇÃO, 71 a 75 Rua das OLIVEIRAS, 108 a 128

TELEPHONE, 651

Padaria montada em harmonia com as disposições emanadas da fiscalisação dos Productos Agricolas, fornece toda a qualidade de pão e com especialidade o Pão de Luxo, Vienna e outros. Distribuição aos domicilios de manhã e á tarde, observando-se n'estas a mais rigorosa hygiene e completo asseio.

O serviço de panificação está franco a qualquer hora do dia ou da noite. Bolachas, biscoitos, tosta dôce e azêda. Vinhos finos e de consumo, tintos e brancos, engarrafados, licores e champagnes, cervejas nacionaes e estrangeiras.

Aguas mineraes e mais genero congeneres.

CHÁ, CAFÉ CACAU, DOCE FINO, FRUCTOS DOCES e SECAS.